

! AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- ✗ Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- ✗ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- ✗ Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- ✗ Exercícios comentados para fixação do aprendizado.
- ✗ Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





PÃO DE AÇÚCAR - AL

**PREFEITURA DE PÃO DE AÇÚCAR
ALAGOAS - AL**

**Professor de Educação
Infantil e do 1º ao 5º ano**

EDITAL N° 01/2025

**CÓD: OP-006JH-25
7908403575787**

Língua Portuguesa

1. Fonologia (conceitos, encontros vocálicos, dígrafos).....	9
2. Divisão silábica.....	10
3. Ortoépia e prosódia	12
4. Acentuação	12
5. Ortografia.....	15
6. Morfologia (estrutura e formação de palavras)	20
7. Classes de palavras e suas flexões	23
8. Sintaxe (termos da oração, período composto, classificação de orações).....	33
9. Concordância verbal e nominal	35
10. Regência.....	39
11. Crase	40
12. Pontuação	43
13. Figuras de linguagem	46
14. Semântica (significação de palavras: Sinônima, antônima, homônima, paronímia, denotação e conotação).....	49
15. Interpretação e Análise Textual (compreensão global	51
16. Coesão, coerência	54
17. Gêneros textuais	57
18. Variedades linguísticas.....	59
19. Redação Oficial (elaboração de correspondências, ofícios, circulares e protocolos).....	60

Raciocínio Lógico Matemático

1. Raciocínio Lógico e Quantitativo: Operações com conjuntos, divisão proporcional, razão e proporção, regras de três, porcentagem	75
2. Relação entre grandezas: tabelas e gráficos	82
3. Princípio Fundamental da Contagem; Noções de probabilidade e estatística	84
4. Pensamento indutivo e dedutivo; Equivalência lógica e negação de proposições; Lógica da argumentação; Implicação lógica; Associação lógica; Pensamento crítico e a lógica analítica	95

História e Geografia de Pão de Açúcar

1. Origens e Formação Histórica: os primeiros povoados e a ocupação do território	129
2. Influência indígena e dos bandeirantes na região	134
3. O surgimento do povoado de Pão de Açúcar e sua relação histórica e econômica com o Rio São Francisco	137
4. Emancipação Política e Desenvolvimento: elevação à categoria de vila no século XIX	141
5. Emancipação política em 24 de abril de 1877	144
6. Importância econômica no contexto da navegação fluvial e comércio regional	148
7. Movimentos migratórios e influência cultural de portugueses, indígenas e africanos na formação local	151
8. Patrimônio Cultural e Figuras Notáveis: arquitetura histórica, símbolos municipais como a Igreja Matriz e prédios antigos, personalidades que marcaram a história local, incluindo políticos, artistas e líderes comunitários	154

9. Geografia de Pão de Açúcar: localização geográfica e limites territoriais, aspectos físicos do município como clima, relevo, vegetação e hidrografia com destaque para o Rio São Francisco, aspectos demográficos atuais, principais atividades econômicas incluindo agricultura, pecuária, comércio, serviços e turismo, divisão administrativa e organização territorial	158
10. Cultura e Tradições: festas populares, festejos juninos, vaquejadas, manifestações culturais e patrimônio imaterial.....	161

Informática

1. Conceitos básicos da tecnologia da informação	167
2. Componentes de hardware e software de computadores e suas características	167
3. Operação, configuração e conceitos fundamentais dos sistemas operacionais Windows 10 ou posterior e Linux (principais ambientes gráficos, gerenciamento de arquivos e permissões, operações básicas e configurações de rede)	169
4. Editores de texto: Microsoft Word 2016 ou posterior e LibreOffice Writer.....	172
5. Planilhas eletrônicas: Microsoft Excel 2016 ou posterior e LibreOffice Calc.....	175
6. Navegação na Internet: utilização de navegadores (Google Chrome, Mozilla Firefox e Mozilla Firefox ESR – versão utilizada em muitos órgãos públicos), conceitos de URL, hiperlinks e mecanismos de busca	178
7. Segurança na Internet: noções de proteção contra vírus, malwares, phishing, engenharia social e boas práticas de segurança digital no ambiente institucional	185
8. Correio eletrônico: utilização, envio, recebimento e gerenciamento de mensagens; anexos e protocolos de segurança no uso de e-mail institucional	186

Conhecimentos Didático-Pedagógicos

1. Psicologia da educação, da aprendizagem e do desenvolvimento, incluindo neurociência	193
2. Planejamento e organização do trabalho pedagógico	200
3. Gestão democrática na escola	201
4. Teoria e prática de currículo, incluindo o projeto político-pedagógico.....	205
5. Interação entre escola, família e comunidade	206
6. Relações entre educação, sociedade e prática escolar	207
7. Educação em Direitos Humanos	208
8. Educação ambiental.....	211
9. Educação Socioemocional.....	212
10. Educação integral.....	213
11. Educação Especial/Inclusiva.....	214
12. Educação a distância	221
13. Uso de tecnologias da informação e comunicação na educação	223
14. Práticas pedagógicas e construção do conhecimento	224
15. Didática e prática histórico-cultural	224
16. Tendências pedagógicas na prática escolar	225
17. Concepções didático-pedagógicas e prática educativa	227
18. Metodologias de ensino	227
19. Processos de ensino e de aprendizagem	228
20. Relação professor/aluno	229
21. Compromisso social e ético do professor	237

ÍNDICE

22. Prática docente e gestão escolar	238
23. Organização do trabalho pedagógico em sala de aula.....	238
24. Componentes do processo de ensino: objetivos, conteúdos, métodos, estratégias e meios.....	240
25. Competências gerais da Educação Básica	240
26. Avaliação e suas implicações pedagógicas.....	241
27. Organização do ensino na Educação Básica.....	242
28. Temáticas relevantes no contexto escolar brasileiro: evasão e abandono escolar	243
29. Comportamento e indisciplina.....	244
30. Defasagem da aprendizagem.....	245
31. Sucesso e fracasso escolar	246
32. Violência e drogas, entre outros	246
33. Dislexia, Discalculia, Disgrafia, TDAH, TEA, Ansiedade e depressão infanto-juvenil, Deficiências físicas, intelectuais e sensoriais, Altas habilidades/superdotação, Distúrbios da fala e linguagem.....	248
34. Base Nacional Comum Curricular: introdução e estrutura	249
35. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	290
36. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	300

Conhecimentos Específicos

Professor de Educação Infantil e do 1º ao 5º ano

1. Conhecimentos Específicos das Áreas Curriculares: Língua Portuguesa: desenvolvimento da leitura, oralidade e produção textual; ensino da gramática em contexto; gêneros textuais	305
2. Matemática: resolução de problemas; raciocínio lógico; operações fundamentais; medidas, geometria e tratamento da informação.....	307
3. Ciências da Natureza: temas transversais (meio ambiente, saúde, energia, corpo humano); práticas experimentais e investigação científica	310
4. História e Geografia: identidade, cultura e sociedade; espaço geográfico e sua representação; temporalidade e fatos históricos significativos	313
5. Arte e Educação Física: linguagem artística e suas expressões; corpo, movimento e ludicidade na formação integral da criança	315
6. Tecnologias na Educação: Uso pedagógico das tecnologias digitais de informação e comunicação	317
7. Recursos digitais e inovação no processo de ensino-aprendizagem.....	319
8. Ética e Prática Profissional: Postura ética do professor no ambiente escolar	321
9. Relação escola-família-comunidade	323
10. Compromisso social, afetivo e cultural do educador com a formação cidadã dos alunos.....	328

LÍNGUA PORTUGUESA

FONOLOGIA (CONCEITOS, ENCONTROS VOCÁLICOS, DÍGRAFOS)

Fonologia¹ é o ramo da linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao estudar a maneira como os fones ou fonemas (sons) se organizam dentro de uma língua, classifica-os em unidades capazes de distinguir significados.

²A Fonologia estuda o ponto de vista funcional dos Fonemas.

— Estrutura Fonética

Fonema

O fonema³ é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra. Veja o exemplo:

C + A + M + A = CAMA. Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som M por N, haverá uma nova palavra, CANA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras e distinguir uma palavra da outra.**

Ex.: mim / sim / gim...

Letra

A letra é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala. É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema ou pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema.**

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (enxame), Z (exame), S (têxtil) e KS (sexo; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: bola > 4 letras, 4 fonemas
guia > 4 letras, 3 fonemas

Os fonemas classificam-se em **vogais, semivogais e consoantes.**

1 <https://bit.ly/36RQAOb>.

2 <https://bit.ly/2slhcYZ>.

3 PESTANA, Fernando. *A gramática para concursos públicos.* – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas letras abaixo. Veja:

A: brasa (oral), lama (nasal)

E: sério (oral), entrada (oral, timbre fechado), dentro (nasal)

I: antigo (oral), índio (nasal)

O: poste (oral), molho (oral, timbre fechado), longe (nasal)

U: saúde (oral), juntar (nasal)

Y: hobby (oral)

Observação: As vogais ainda podem ser tônicas ou átonas.

Tônica aquela pronunciada com maior intensidade. Ex.: café, bola, vidro.

Átona aquela pronunciada com menor intensidade. Ex.: café, bola, vidro.

Semivogais

São as letras “e”, “i”, “o”, “u”, representadas pelos fonemas (e, y, o, w), quando formam sílaba com uma vogal. Ex.: No vocabulário “história” a sílaba “ria” apresenta a vogal “a” e a semivogal “i”.

Os fonemas semivocálicos (ou semivogais) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

– **pai:** a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

– **mouro:** a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

– **mãe:** a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

– **pão:** a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

– **cantam:** a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cantãu).

– **dancem:** a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= dancéi).

– **hifen:** a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífei).

– **glutens:** a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutéis).

– **windsurf:** a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

– **office boy:** a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Quadro de vogais e semivogais	
Fonemas	Regras
A	Apenas VOGAL
E - O	VOGAIS, exceto quando está com A ou quando estão juntas (Neste caso a segunda é semivocal)
I - U	SEMIVOGAIS, exceto quando formam um hiato ou quando estão juntas (Neste caso a letra "I" é vogal)
AM	Quando aparece no final da palavra é SEMIVOGAL. Ex.: Dançam
EM - EN	Quando aparecem no final de palavras são SEMIVOGAIS. Ex.: Montem / Pólen

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, Wagner), X, Z.

— Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (Vocal – Vocal), porque só pode haver uma vocal por sílaba.

Ex.: sa-í-da, ra-i-nha, ba-ús, ca-ís-te, tu-cu-mã-í, su-cu-u-ba, ru-im, jú-ni-or.

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba). Ex.: magistério (oral), série (oral), várzea (oral), quota (oral), quatorze (oral), enquanto (nasal), cinquenta (nasal), quinquênio (nasal).

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba). Ex.: item (nasal), amam (nasal), sêmen (nasal), cãibra (nasal), caule (oral), ouro (oral), veia (oral), fluido (oral), vaidade (oral).

Tritongo

O tritongo é a união de SV + V + SV na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal. Ex.: saguão (nasal), Paraguai (oral), enxágüem (nasal), averiguou (oral), deságüam (nasal), aguei (oral).

Encontros Consonantais

Ocorre quando há um grupo de consoantes sem vogal intermediária. Ex.: flor, grade, digno.

Dígrafos: duas letras representadas por um único fonema. Ex.: passo, chave, telha, guincho, aquilo.

Os dígrafos podem ser consonantais e vocálicos.

— **Consonantais:** ch (chuva), sc (nascer), ss (osso), sc (desça), lh (filho), xc (excelente), qu (quente), nh (vinho), rr (ferro), gu (guerra).

— **Vocálicos:** am, an (tampa, canto), em, en (tempo, vento), im, in (limpo, cinto), om, on (comprar, tonto), um, un (tumba, mundo).

LEMBRE-SE!

Nos dígrafos, as duas letras representam um só fonema; nos encontros consonantais, cada letra representa um fonema.

DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica é um aspecto fundamental da língua portuguesa, pois facilita a correta pronúncia, escrita e leitura das palavras. Compreender como as sílabas se organizam dentro de uma palavra é essencial não apenas para o domínio ortográfico, mas também para o desenvolvimento da fluência linguística e da expressão oral.

Além disso, a divisão silábica tem implicações práticas em diversas áreas, como a separação de palavras ao final de uma linha e na identificação de estruturas fonéticas. Assim, o estudo das regras que orientam a separação das sílabas é indispensável para estudantes, professores e profissionais que buscam aprimorar o uso formal da língua.

Essa prática visa garantir uma comunicação clara e precisa, promovendo o entendimento correto das palavras e suas funções dentro das frases.

DEFINIÇÃO DE DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica é o processo de segmentação das sílabas que compõem uma palavra, separando-a em partes menores chamadas sílabas. Cada sílaba é formada por um ou mais fonemas, pronunciados em uma única emissão de voz. A base fundamental de toda sílaba na língua portuguesa é a vocal, sendo, portanto, indispensável que cada sílaba contenha ao menos uma vocal para que seja considerada completa. Essa separação é especialmente útil em contextos de escrita e fala, pois facilita tanto a correta pronúncia quanto a pontuação gráfica de palavras, como na quebra de linha ao final de frases.

O hífen (“-”) é o sinal gráfico utilizado para indicar a separação das sílabas em uma palavra. Conforme o número de sílabas que a palavra contém, ela pode ser classificada como monossílaba (uma sílaba), dissílaba (duas sílabas), trissílaba (três sílabas) ou polissílaba (quatro ou mais sílabas). Essas classificações são essenciais para entender as nuances fonéticas e gramaticais que influenciam a maneira como as palavras são escritas e faladas.

► Classificação das Palavras por Número de Sílabas

As palavras podem ser classificadas de acordo com o número de sílabas que possuem, o que influencia diretamente sua pronúncia, ritmo e estrutura. Abaixo estão as principais classificações:

- **Monossílabas:** São palavras formadas por apenas uma sílaba. Apesar de sua simplicidade, essas palavras desempenham papéis importantes na língua, podendo ser tanto palavras de conteúdo, como “sol”, “flor”, quanto palavras funcionais, como “de” e “em”.

Exemplos: sol, mar, flor, já, um.

▪ **Dissílabas:** Palavras que possuem duas sílabas. São muito comuns na língua portuguesa e contribuem para a construção de frases mais fluidas.

Exemplos: ca-sa, mo-ra, pá-pis, ca-fé.

▪ **Trissílabas:** Palavras compostas por três sílabas. Essa categoria é uma das mais frequentes no vocabulário cotidiano, abrangendo uma vasta gama de substantivos, verbos e adjetivos.

Exemplos: ca-mi-sa, pro-fe-ssor, ca-ri-nho.

▪ **Polissílabas:** Palavras que possuem quatro ou mais sílabas. Geralmente, são palavras mais longas e podem exigir maior atenção na pronúncia e divisão correta das sílabas.

Exemplos: a-li-men-ta-ção, ne-ce-ssi-da-de, fa-bri-ca-ção.

Essa classificação é fundamental para o entendimento da estrutura silábica, facilitando tanto o ensino da leitura quanto a compreensão de fenômenos linguísticos mais complexos.

► Principais Regras de Divisão Silábica

A divisão silábica segue regras específicas que garantem a correta separação das sílabas nas palavras. Estas regras são fundamentais para evitar erros na escrita e auxiliar na compreensão da estrutura das palavras. A seguir, as principais regras de divisão silábica são apresentadas, diferenciando os casos em que se deve ou não separar as sílabas:

► Casos em que se separam as sílabas:

▪ **Hiato (encontro de duas vogais):** Quando duas vogais aparecem juntas, mas pertencem a sílabas diferentes, ocorre o hiato. Nesse caso, as vogais devem ser separadas.

Exemplos: mo-e-da, po-e-si-a, na-vi-o.

▪ **Ditongo decrescente (vocal + semivocal) + vocal:** Quando há um ditongo decrescente seguido de uma vocal, as sílabas devem ser separadas.

Exemplos: prai-a, joi-a, es-tei-o.

▪ **Dígrafos (encontro de duas consoantes) com mesmo som:** Em casos de dígrafos que representam um único som, as consoantes são separadas na divisão silábica.

Exemplos: guer-ra, nas-cer, ex-ce-ção.

▪ **Encontros consonantais disjuntivos:** Quando duas consoantes aparecem juntas, mas pertencem a sílabas diferentes, ocorre um encontro consonantal disjuntivo, que também deve ser separado.

Exemplos: ad-vo-ga-do, mag-né-ti-co, ap-ti-dão.

▪ **Vogais idênticas:** Quando duas vogais idênticas se encontram, elas devem ser separadas.

Exemplos: Sa-a-ra, vo-o, em-pre-en-der.

► Casos em que não se separam as sílabas:

▪ **Ditongos (duas vogais juntas) e Tritongos (três vogais juntas):** Não se deve separar ditongos nem tritongos, que permanecem juntos na mesma sílaba.

Exemplos: des-mai-a-do, U-ru-guai.

▪ **Dígrafos (encontros consonantais que formam um único som):** Dígrafos que representam um único som não são separados na divisão silábica.

Exemplos: chu-va, quei-jo, pla-no, re-gra.

▪ **Dígrafos iniciais:** Encontros consonantais no início das palavras, como em “pneumonia”, não são separados.

Exemplos: pneu-mo-ni-a, psi-có-lo-ga.

▪ **Consoantes finais:** Consoantes no final da palavra também não são separadas da vogal anterior.

Exemplos: lu-tar, lá-pis, a-mar.

► Exceções:

Uma exceção à regra dos dígrafos é a palavra “abrupto”, que se divide como AB-RUP-TO, separando o dígrafo “br”.

Essas regras são essenciais para o uso correto da língua portuguesa, especialmente em contextos formais de escrita, como redações e documentos.

► Exemplos Práticos

Para ilustrar as regras de divisão silábica, apresentamos a seguir uma lista de palavras e sua respectiva separação silábica. Esses exemplos seguem as normas destacadas anteriormente e podem ser utilizados para praticar a correta divisão das sílabas:

► Palavras com Hiato

- mo-e-da
- po-e-si-a
- sa-ú-de
- vi-u-va

► Palavras com Ditongo Decrescente + Vocal

- prai-a
- joi-a
- voei-a
- ca-ri-o-ca

► Palavras com Dígrafo

- guer-ra
- nas-cer
- ex-ce-ção
- chei-ro
- pla-ne-ta

► Palavras com Encontro Consonantal Disjuntivo

- mag-né-ti-co
- ad-vo-ga-do
- ap-ti-dão
- ob-je-ti-vo

► Palavras com Vogais Idênticas

- Sa-a-ra
- vo-o
- cre-en-ça
- a-a-no

► Palavras com Ditongos ou Tritongos

- des-mai-a-do
- sa-guão
- U-ru-guai
- es-tu-dou

► Palavras com Dígrafos Não Separados

- pla-no
- a-brir
- gui-ta-rra
- que-ro

► Palavras com Consoantes Finais

- sol-dar
- a-mar
- vi-da
- lu-tar

► Exceções

- ab-rup-to
- sub-li-mar
- trans-a-tlân-ti-co

Esses exemplos reforçam as principais regras de divisão silábica, proporcionando uma base sólida para entender como as palavras devem ser corretamente segmentadas. Praticar com esses casos ajuda a consolidar o aprendizado, além de melhorar a escrita e a leitura.

A divisão silábica é uma ferramenta essencial para o domínio da língua portuguesa, desempenhando um papel crucial tanto na fala quanto na escrita. Ela ajuda a organizar e compreender a estrutura das palavras, contribuindo para uma comunicação mais clara e precisa.

Ao seguir as regras que determinam quando e como separar as sílabas, evita-se erros comuns e promove-se a fluência no uso da língua, seja em situações cotidianas ou formais.

Entender a divisão silábica também facilita o aprendizado de novos vocábulos e aprimora a ortografia, além de ser fundamental para quem trabalha com educação, escrita ou comunicação.

Ao aplicar corretamente essas regras, os usuários da língua portuguesa conseguem expressar-se de maneira mais eficiente, respeitando as normas gramaticais e fonéticas.

Assim, a prática contínua e a aplicação das regras apresentadas contribuem significativamente para o aprimoramento da competência linguística.

ORTOÉPIA E PROSÓDIA

⁴Ligando-se diretamente à correta produção dos fonemas e à perfeita colocação do acento tônico nas palavras, existem duas partes da gramática que se preocupam com a pronúncia-padrão do português. São elas a **ortoépia** e a **prosódia**.

— Ortoépia

É a correta articulação e pronúncia dos grupos fônicos, e está relacionada com a perfeita emissão das vogais, a correta articulação das consoantes e a ligação de vocábulos dentro de contextos.

Dessa forma, são comuns erros como: “róba” em vez de rouba, “alejar” em vez de aleijar, “adivogado” em vez de advogado.

— Cacoépia

São os erros cometidos contra a ortoépia.

Ex.: - Pronunciar erradamente vogais quanto ao timbre.

Pronúncia correta, timbre fechado (ê, ô): omelete, alcova, crosta.

Pronúncia errada, timbre aberto (é, ó): omelete, alcova, crosta.

– Omitir fonemas: cantar – “cantá” / trabalhar – “trabalhá” / amor – “amô” / abóbora – “abóbra” / prostrar – “prostar” / reivindicar – “reividicar”.

– Acréscimo de fonemas: pneu – “peneu” / freada – “freiada” / bandeja – “bandeija”.

– Substituição de fonemas: cabeçalho – “cabeçário” / bueiro – “boeiro”.

– Troca de posição de um ou mais fonemas: caderneta – “cardeneta” / bicarbonato – “bircarbonato” / muçulmano – “mulçumano”.

– Nasalização de vogais: sobrancelha – “sombbrancelha” / mendigo – “mendingo” / bugiganga – “bungiganga” ou “buginganga”.

— Prosódia

Está relacionada com a correta acentuação e entonação das palavras tomando como padrão a língua considerada culta. Sua principal preocupação é o conhecimento da sílaba tônica de uma palavra. Cometer um erro de prosódia, por exemplo, é transformar uma palavra paroxítona (como **rubrica**) em proparoxítona (**rúbrica**). Tais erros são chamados de **silabadas**.

Veja alguns exemplos de vocábulos que geram dúvidas quanto à prosódia:

– **Oxítonas:** cateter, Cister, condor, hangar, mister, negus, Nobel, novel, recém, refém, ruim, util, ureter.

– **Paroxítonas:** avaro, avito, barbárie, caracteres, cartomancia, ciclope, erudito, ibero, gratuito, ônix, poliglota, pudico, rubrica, tulipa.

– **Proparoxítonas:** aeródromo, alcoólatra, álibi, âmago, antídoto, elétrodo, lêvedo, protótipo, quadrúmano, vermífugo, zéfiro.

Há algumas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta, como por exemplo: acrobata – acrobata / crisântemo – crisântemo / Oceânia – Oceania / réptil – réptil / xerox – xérox - boêmia / boemia - ômega / omega - hieróglifo / hieróglifo - ortoépia / ortoepia.

Outras assumem significados diferentes, de acordo a acentuação, como por exemplo: valido – válido / vivido - vívido.

ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica é um dos elementos fundamentais da ortografia da Língua Portuguesa, desempenhando um papel crucial na clareza da comunicação escrita. Os acentos são utilizados para marcar a pronúncia correta das palavras, diferenciando

RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO

RACIOCÍNIO LÓGICO E QUANTITATIVO: OPERAÇÕES COM CONJUNTOS, DIVISÃO PROPORCIONAL, RAZÃO E PROPORÇÃO, REGRAS DE TRÊS, PORCENTAGEM

OPERAÇÕES COM CONJUNTOS

NÚMEROS NATURAIS (N)

Os números naturais são o modelo matemático necessário para efetuar uma contagem.

Começando por zero e acrescentando sempre uma unidade, obtemos o conjunto infinito dos números naturais

$$\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, \dots\}$$

- Todo número natural dado tem um sucessor

- a) O sucessor de 0 é 1.
- b) O sucessor de 1000 é 1001.
- c) O sucessor de 19 é 20.

Usamos o * para indicar o conjunto sem o zero.

$$\mathbb{N}^* = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, \dots\}$$

- Todo número natural dado N, exceto o zero, tem um antecessor (número que vem antes do número dado).

Exemplos: Se m é um número natural finito diferente de zero.

- a) O antecessor do número m é m-1.
- b) O antecessor de 2 é 1.
- c) O antecessor de 56 é 55.
- d) O antecessor de 10 é 9.

NÚMEROS INTEIROS (Z)

Podemos dizer que este conjunto é composto pelos números naturais, o conjunto dos opostos dos números naturais e o zero. Este conjunto pode ser representado por:

$$\mathbb{Z} = \{\dots, -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3, \dots\}$$

Subconjuntos do conjunto \mathbb{Z} :

1) Conjunto dos números inteiros excluindo o zero

$$\mathbb{Z}^* = \{\dots, -2, -1, 1, 2, \dots\}$$

2) Conjunto dos números inteiros não negativos

$$\mathbb{Z}_+ = \{0, 1, 2, \dots\}$$

3) Conjunto dos números inteiros não positivos

$$\mathbb{Z}_- = \{\dots, -3, -2, -1\}$$

NÚMEROS RACIONAIS (Q)

Chama-se de número racional a todo número que pode ser expresso na forma $\frac{a}{b}$ onde a e b são inteiros quaisquer, com $b \neq 0$. São exemplos de números racionais:

$$-12/51$$

$$-3$$

$$-(-3)$$

$$-2,333\dots$$

As dízimas periódicas podem ser representadas por fração, portanto são consideradas números racionais.

Como representar esses números?

Representação Decimal das Frações

Temos 2 possíveis casos para transformar frações em decimais

1º) Decimais exatos: quando dividirmos a fração, o número decimal terá um número finito de algarismos após a vírgula.

$$\frac{1}{2} = 0,5$$

$$\frac{1}{4} = 0,25$$

$$\frac{3}{4} = 0,75$$

2º) Terá um número infinito de algarismos após a vírgula, mas lembrando que a dízima deve ser periódica para ser número racional

OBS: período da dízima são os números que se repetem, se não repetir não é dízima periódica e assim números irracionais, que trataremos mais a frente.

$$\frac{1}{3} = 0,333\dots$$

$$\frac{35}{99} = 0,353535\dots$$

$$\frac{105}{9} = 11,6666\dots$$

Representação Fracionária dos Números Decimais

1ºcaso) Se for exato, conseguimos sempre transformar com o denominador seguido de zeros.

O número de zeros depende da casa decimal. Para uma casa, um zero (10) para duas casas, dois zeros(100) e assim por diante.

$$0,3 = \frac{3}{10}$$

$$0,03 = \frac{3}{100}$$

$$0,003 = \frac{3}{1000}$$

$$3,3 = \frac{33}{10}$$

2ºcaso) Se dízima periódica é um número racional, então como podemos transformar em fração?

Exemplo 1

Transforme a dízima 0,333... em fração

Sempre que precisar transformar, vamos chamar a dízima dada de x, ou seja

$$X=0,333\dots$$

Se o período da dízima é de um algarismo, multiplicamos por 10.

$$10x=3,333\dots$$

E então subtraímos:

$$10x-x=3,333\dots-0,333\dots$$

$$9x=3$$

$$X=3/9$$

$$X=1/3$$

Agora, vamos fazer um exemplo com 2 algarismos de período.

Exemplo 2

Seja a dízima 1,1212...

Façamos x = 1,1212...

$$100x = 112,1212\dots$$

Subtraindo:

$$100x-x=112,1212\dots-1,1212\dots$$

$$99x=111$$

$$X=111/99$$

NÚMEROS IRRACIONAIS (I)

Identificação de números irracionais

- Todas as dízimas periódicas são números racionais.
- Todos os números inteiros são racionais.
- Todas as frações ordinárias são números racionais.
- Todas as dízimas não periódicas são números irracionais.
- Todas as raízes inexatas são números irracionais.
- A soma de um número racional com um número irracional é sempre um número irracional.

– A diferença de dois números irracionais, pode ser um número racional.

– Os números irracionais não podem ser expressos na forma $\frac{a}{b}$, com a e b inteiros e $b \neq 0$.

Exemplo: $\sqrt{5} - \sqrt{5} = 0$ e 0 é um número racional.

– O quociente de dois números irracionais, pode ser um número racional.

Exemplo: $\sqrt{8} : \sqrt{2} = \sqrt{4} = 2$ e 2 é um número racional.

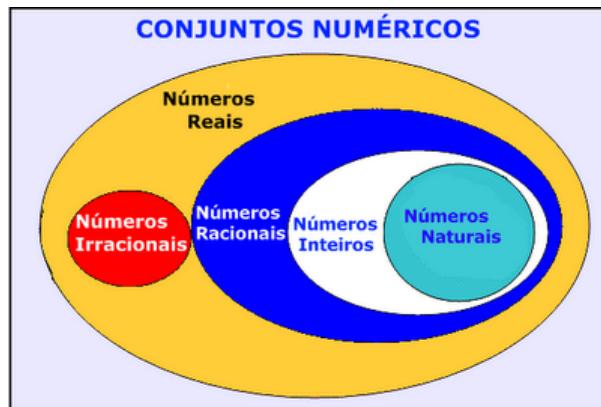
– O produto de dois números irracionais, pode ser um número racional.

Exemplo: $\sqrt{7} \cdot \sqrt{7} = \sqrt{49} = 7$ é um número racional.

Exemplo: radicais ($\sqrt{2}, \sqrt{3}$) a raiz quadrada de um número natural, se não inteira, é irracional.

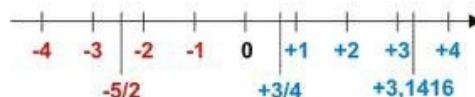
NÚMEROS REAIS (R)

O conjunto dos números reais (R) inclui todos os números que podem ser representados na reta numérica. Ele é formado pelos números naturais (N), que são usados para contar, pelos números inteiros (Z), que incluem positivos, negativos e o zero, pelos números racionais (Q), que podem ser escritos como frações, e pelos números irracionais, que não podem ser expressos como frações e possuem decimais infinitos e não periódicos. Esses conjuntos juntos compõem os números reais.



Fonte: www.estudokids.com.br

Representação na reta



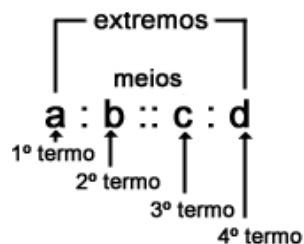
DIVISÃO PROPORCIONAL

É uma igualdade entre duas frações ou duas razões.

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \text{ ou } a:b :: c:d$$

Lemos: a está para b, assim como c está para d.

Ainda temos:


• Propriedades da Proporção

– Propriedade Fundamental: o produto dos meios é igual ao produto dos extremos:

$$a \cdot d = b \cdot c$$

– A soma/diferença dos dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo), assim como a soma/diferença dos dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a+b}{a} = \frac{c+d}{c} \text{ ou } \frac{a+b}{b} = \frac{c+d}{d}$$

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a-b}{a} = \frac{c-d}{c} \text{ ou } \frac{a-b}{b} = \frac{c-d}{d}$$

– A soma/diferença dos antecedentes está para a soma/diferença dos consequentes, assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a+c}{b+d} = \frac{a}{b} \text{ ou } \frac{a+c}{b+d} = \frac{c}{d}$$

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a-c}{b-d} = \frac{a}{b} \text{ ou } \frac{a-c}{b-d} = \frac{c}{d}$$

Exemplo:

(MP/SP – AUXILIAR DE PROMOTORIA I – ADMINISTRATIVO)

– **VUNESP**) A medida do comprimento de um salão retangular está para a medida de sua largura assim como 4 está para 3. No piso desse salão, foram colocados somente ladrilhos quadrados inteiros, revestindo-o totalmente. Se cada fileira de ladrilhos, no sentido do comprimento do piso, recebeu 28 ladrilhos, então o número mínimo de ladrilhos necessários para revestir totalmente esse piso foi igual a

- (A) 588.
 (B) 350.
 (C) 454.
 (D) 476.
 (E) 382.

Resolução:

$$\frac{c}{L} = \frac{4}{3}, \text{ que fica } 4L = 3C$$

Fazendo C = 28 e substituindo na proporção, temos:

$$\frac{28}{L} = \frac{4}{3}$$

$$4L = 28 \cdot 3$$

$$L = 84 / 4$$

$$L = 21 \text{ ladrilhos}$$

$$\text{Assim, o total de ladrilhos foi de } 28 \cdot 21 = 588$$

Resposta: A

GRANDEZAS PROPORCIONAIS

Além de compreender razão e proporção, é importante entender como diferentes grandeszas se relacionam entre si, conforme o comportamento das variáveis envolvidas.

Grandezas Diretamente Proporcionais

Duas grandeszas são diretamente proporcionais quando a razão entre seus valores é constante, ou seja, quando uma grandeza aumenta, a outra também aumenta proporcionalmente. O exemplo clássico é a relação entre distância percorrida e combustível gasto:

Distância (km)	Combustível (litros)
13	1
26	2
39	3
52	4

Nessa situação, quanto mais distância se percorre, mais combustível é gasto. Se a distância dobra, o combustível também dobra.

Grandezas Inversamente Proporcionais

Duas grandeszas são inversamente proporcionais quando a razão entre os valores da primeira grandeza é igual ao inverso da razão dos valores correspondentes da segunda. Um exemplo clássico é a relação entre velocidade e tempo:

Velocidade (m/s)	Tempo (s)
5	200
8	125
10	100
16	62,5
20	50

Aqui, quanto maior a velocidade, menor o tempo necessário para percorrer uma distância. Se a velocidade dobra, o tempo cai pela metade.

RAZÃO

É uma fração, sendo a e b dois números a sua razão, chama-se *razão de a para b*: a/b ou $a:b$, assim representados, sendo $b \neq 0$. Temos que:

$$\frac{a}{b} \Rightarrow \begin{array}{l} \text{antecedente} \\ \text{consequente} \end{array}$$

Exemplo:

(SEPLAN/GO – PERITO CRIMINAL – FUNIVERSA) Em uma ação policial, foram apreendidos 1 traficante e 150 kg de um produto parecido com maconha. Na análise laboratorial, o perito constatou que o produto apreendido não era maconha pura, isto é, era uma mistura da *Cannabis sativa* com outras ervas. Interrogado, o traficante revelou que, na produção de 5 kg desse produto, ele usava apenas 2 kg da *Cannabis sativa*; o restante era composto por várias “outras ervas”. Nesse caso, é correto afirmar que, para fabricar todo o produto apreendido, o traficante usou

- (A) 50 kg de *Cannabis sativa* e 100 kg de outras ervas.
- (B) 55 kg de *Cannabis sativa* e 95 kg de outras ervas.
- (C) 60 kg de *Cannabis sativa* e 90 kg de outras ervas.
- (D) 65 kg de *Cannabis sativa* e 85 kg de outras ervas.
- (E) 70 kg de *Cannabis sativa* e 80 kg de outras ervas.

Resolução:

O enunciado fornece que a cada 5kg do produto temos que 2kg da *Cannabis sativa* e os demais *outras ervas*. Podemos escrever em forma de razão $\frac{2}{5}$, logo:

$$\frac{2}{5} \cdot 150 = 60 \text{ kg de } Cannabis \text{ sativa}$$

$$\therefore 150 - 60 = 90 \text{ kg de outras ervas}$$

Resposta: C

Razões Especiais

São aquelas que recebem um nome especial. Vejamos algumas:

Velocidade: é razão entre a distância percorrida e o tempo gasto para percorrê-la.

$$V = \frac{\text{Distância}}{\text{Tempo}}$$

Densidade: é a razão entre a massa de um corpo e o seu volume ocupado por esse corpo.

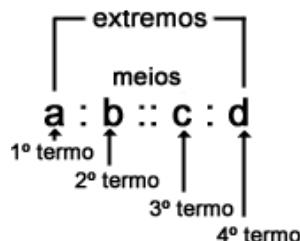
$$d = \frac{\text{Massa}}{\text{Volume}}$$

PROPORÇÃO

É uma igualdade entre duas frações ou duas razões.

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \text{ ou } a:b :: c:d$$

Lemos: a está para b, assim como c está para d.
Ainda temos:



• Propriedades da Proporção

– Propriedade Fundamental: o produto dos meios é igual ao produto dos extremos:
 $a \cdot d = b \cdot c$

– A soma/diferença dos dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo), assim como a soma/diferença dos dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a+b}{a} = \frac{c+d}{c} \text{ ou } \frac{a-b}{b} = \frac{c-d}{d}$$

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a-c}{a} = \frac{c-d}{c} \text{ ou } \frac{a-c}{b} = \frac{c-d}{d}$$

– A soma/diferença dos antecedentes está para a soma/diferença dos consequentes, assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a+c}{b+d} = \frac{a}{b} \text{ ou } \frac{a+c}{b+d} = \frac{c}{d}$$

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \rightarrow \frac{a-c}{b-d} = \frac{a}{b} \text{ ou } \frac{a-c}{b-d} = \frac{c}{d}$$

Exemplo:

(MP/SP – AUXILIAR DE PROMOTORIA I – ADMINISTRATIVO – VUNESP) A medida do comprimento de um salão retangular está para a medida de sua largura assim como 4 está para 3. No piso desse salão, foram colocados somente ladrilhos quadrados inteiros, revestindo-o totalmente. Se cada fileira de ladrilhos, no

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PÃO DE AÇÚCAR

ORIGENS E FORMAÇÃO HISTÓRICA: OS PRIMEIROS Povoados e a Ocupação do Território

Contexto da Colonização do Sertão Nordestino

A colonização do sertão nordestino é um dos capítulos mais importantes da formação histórica do Brasil interiorano. A partir do século XVII, o avanço rumo ao interior da Capitania de Pernambuco – à qual Alagoas esteve subordinada por muito tempo – foi motivado por transformações econômicas, sociais e geográficas.

Com a saturação e o declínio relativo da produção açucareira no litoral, o sertão passou a representar uma nova fronteira de exploração e domínio para os colonizadores portugueses. Esse processo foi marcado pela implantação de atividades agropecuárias, pelo confronto com populações indígenas e pela adaptação a um ambiente semiárido desafiador.

► A saturação do litoral e a busca por novas terras

Nos primeiros séculos da colonização, o litoral nordestino concentrou as maiores riquezas econômicas da colônia, com destaque para os engenhos de açúcar. Contudo, esse modelo monocultor dependia de mão de obra escravizada e grandes extensões de terra fértil, o que levou ao esgotamento de áreas disponíveis próximas ao mar. Além disso, o crescimento populacional nas zonas costeiras provocou pressão sobre os recursos e favoreceu a interiorização dos colonizadores.

Assim, os sertões, até então considerados de pouca utilidade para o modelo agrícola litorâneo, passaram a ser vistos como espaços promissores para a criação de gado, que exigia grandes áreas para pastagem, mas pouca intervenção no solo. A pecuária foi o grande motor da ocupação sertaneja.

► A pecuária como vetor da colonização

A criação de gado tornou-se uma das principais atividades econômicas do interior nordestino. Os primeiros currais e fazendas surgiram a partir de concessões de sesmarias – grandes lotes de terras doados pela Coroa portuguesa – para particulares que se comprometiam a ocupar e explorar a região.

Diferentemente do litoral, onde predominava a escravidão africana, o sertão adotou majoritariamente o trabalho familiar e a mão de obra livre pobre, como vaqueiros, pequenos lavradores e agregados. Isso gerou uma estrutura social menos hierarquizada, mas ainda marcada por profundas desigualdades.

As fazendas sertanejas não apenas produziam carne, couro e animais para tração, mas também funcionavam como entrepostos de abastecimento para os centros urbanos e as zonas açucareiras do litoral. Esse papel estratégico transformou o sertão numa engrenagem essencial do sistema econômico colonial.

► As rotas de gado e o surgimento de núcleos urbanos

Com a necessidade de transportar o gado do sertão para o litoral, formaram-se rotas comerciais conhecidas como “caminhos do gado”. Essas rotas atravessavam rios, chapadas e caatingas, estabelecendo pontos de parada e descanso que, com o tempo, se transformariam em arraiais, vilas e cidades.

O rio São Francisco, em especial, teve enorme importância nesse contexto. Como via navegável, ele permitia o escoamento da produção e conectava diversas regiões do interior, sendo vital para núcleos como Pão de Açúcar. A proximidade com o rio facilitava não apenas o transporte, mas também o abastecimento de água e o cultivo em áreas de várzea, mais férteis.

► O papel das ordens religiosas

O avanço pelo sertão também foi acompanhado pela atuação de ordens religiosas, como jesuítas e franciscanos. Seu objetivo oficial era catequizar os indígenas, mas suas missões também desempenhavam papel estratégico na ocupação territorial, funcionando como bases de fixação da presença portuguesa.

As missões religiosas criaram aldeamentos, que além de centros de catequese, abrigavam escolas, locais de culto e estruturas administrativas. Esses aldeamentos contribuíram para a sedentarização dos povos indígenas e a disseminação da fé católica, embora frequentemente implicassem na perda de autonomia e identidade dos nativos.

► Conflito e resistência indígena

A ocupação do sertão não ocorreu sem resistência. Povos indígenas, como os Xocós, Tupinambás, Jatobás e outros, resistiram à invasão de suas terras, à escravização e à imposição cultural. Houve inúmeros confrontos armados, fugas e estratégias de sobrevivência adotadas por essas populações.

Apesar da resistência, muitos grupos indígenas foram dizimados por doenças, guerras e pela perda de seus territórios. Outros foram assimilados pela cultura dominante, especialmente através das missões religiosas, resultando na gradual diminuição de sua presença autônoma no sertão.

O processo de colonização do sertão nordestino foi uma expansão gradual e complexa, impulsionada por interesses econômicos, pela necessidade de integração territorial e pelo controle estratégico de áreas até então “desconhecidas” para os colonizadores. A criação de gado, a formação de rotas comerciais, a presença do rio São Francisco e a atuação das ordens religiosas moldaram profundamente a configuração social e espacial do sertão.

Esse contexto é essencial para compreender o surgimento de cidades como Pão de Açúcar, cuja história está intrinsecamente ligada à lógica de ocupação do sertão brasileiro e aos desafios impostos por um território marcado por conflitos, resistência indígena e adaptações econômicas.

AS RAÍZES DA OCUPAÇÃO: POVOS INDÍGENAS E O ENCONTRO COM OS COLONIZADORES

Antes da chegada dos colonizadores portugueses, o território que hoje compreende Pão de Açúcar e seu entorno era habitado por diversas etnias indígenas, que mantinham uma relação harmoniosa com o meio ambiente e desenvolviam formas próprias de organização social, cultural e econômica.

Esses povos foram os verdadeiros primeiros habitantes da região, e a compreensão de suas características é essencial para se entender o processo de ocupação e a formação histórica do sertão nordestino.

► Presença indígena no sertão de Alagoas

A região do médio e alto São Francisco, onde Pão de Açúcar está inserido, era ocupada por grupos como os Xocós, Karuazu, Jatobás, entre outros. Esses povos viviam da pesca, da caça, do extrativismo e da agricultura de subsistência, cultivando principalmente milho, mandioca e feijão. O rio São Francisco, com sua fartura de peixes e suas margens férteis, era fundamental para a sobrevivência desses grupos.

As aldeias indígenas geralmente se localizavam próximas a cursos d'água e eram compostas por malocas coletivas, onde a vida comunitária se desenrolava sob códigos sociais próprios. O sistema de organização era tribal, com lideranças exercidas por caciques e pajés, que tinham grande importância espiritual e política.

► O impacto da chegada dos colonizadores

A partir do século XVII, com a expansão da colonização portuguesa rumo ao interior, esses povos passaram a sofrer forte pressão. Os colonizadores viam os indígenas tanto como obstáculo à ocupação da terra quanto como possível mão de obra. Essa visão utilitarista resultou em inúmeros conflitos, aprisionamentos e massacres.

Com a instalação de fazendas e a abertura de rotas comerciais, os colonizadores passaram a ocupar sistematicamente as terras indígenas. Muitas vezes, aldeias inteiras eram destruídas, e os nativos forçados a migrar ou a se submeter ao trabalho compulsório.

As reações indígenas variavam conforme a intensidade do contato e o grau de agressão:

- Em algumas regiões, houve confrontos diretos, com levantes e emboscadas contra tropas portuguesas.
- Em outras, os indígenas buscaram refúgio em áreas mais isoladas, afastando-se do contato com os brancos.
- Houve também casos de aproximação estratégica, por meio da aceitação provisória de missões religiosas, para evitar represálias maiores.

► Missões religiosas e o aldeamento indígena

As ordens religiosas, principalmente os jesuítas e franciscanos, desempenharam papel relevante no processo de contato com os indígenas. Os missionários buscavam catequizar os nativos, convertendo-os à fé católica e inserindo-os no modo de vida europeu-cristão. Com isso, criaram-se os aldeamentos ou "missões", que funcionavam como núcleos organizados sob controle religioso e administrativo.

Nos aldeamentos, os indígenas aprendiam o português, adotavam o catolicismo e passavam a viver segundo os padrões de trabalho e convivência impostos pelos missionários. Apesar

do objetivo de "civilização" atribuído a essas missões, na prática houve acentuada perda de identidade cultural e imposição de valores alheios às tradições indígenas.

Esses aldeamentos acabaram por cumprir também uma função estratégica para a Coroa portuguesa: facilitavam a ocupação do território, organizavam a mão de obra e promoviam a assimilação forçada dos povos nativos.

► A resistência indígena e suas estratégias

A resistência dos povos indígenas ao domínio colonial foi diversa e persistente. Não se tratou apenas de resistência armada, mas também de resistência cultural e simbólica. Mesmo após o contato com os colonizadores, muitos grupos procuraram preservar seus costumes, idiomas e práticas religiosas em segredo, ou adaptá-las discretamente à nova realidade.

Outras formas de resistência incluíam:

- A fuga para áreas mais remotas, como matas e serras de difícil acesso.
- A formação de alianças intertribais para enfrentar os colonizadores.
- A rejeição às práticas religiosas impostas, mantendo tradições espirituais próprias.

Muitas dessas estratégias permitiram a sobrevivência de certos grupos até os dias atuais, como os Xocós, que ainda habitam áreas próximas ao rio São Francisco, especialmente na região de Porto da Folha, em Sergipe, próximo à divisa com Alagoas.

► Legado indígena na cultura regional

Apesar da violência e da marginalização histórica, os povos indígenas deixaram marcas profundas na cultura do sertão nordestino, inclusive na região de Pão de Açúcar. Essa presença pode ser percebida:

- Na toponímia (nomes de rios, serras e localidades com origem tupi).
- No vocabulário regional (com palavras indígenas integradas ao português).
- Em práticas de agricultura e alimentação.
- Em conhecimentos sobre plantas medicinais e técnicas de sobrevivência no semiárido.

O reconhecimento desse legado é fundamental para resgatar a história silenciada dos primeiros habitantes da região e para valorizar sua contribuição na formação da identidade sertaneja.

O encontro entre os povos indígenas e os colonizadores portugueses no sertão nordestino foi marcado por conflitos, imposições e resistências. A história da ocupação de Pão de Açúcar e de outras localidades da região não pode ser contada sem a menção dos povos originários que ali viviam muito antes da chegada dos europeus.

Compreender essas raízes é essencial não apenas para fins acadêmicos e históricos, mas também como ato de justiça histórica diante de um processo de colonização que, embora tenha moldado o território, também promoveu o apagamento de culturas milenares.

FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS NÚCLEOS DE POCAMENTO

A formação dos primeiros núcleos de povoamento na região de Pão de Açúcar está diretamente ligada ao processo de interiorização da colonização no Nordeste brasileiro. Esse movimento

foi impulsionado por fatores econômicos, estratégicos e religiosos, em especial pela criação de gado, pela proximidade com o rio São Francisco e pela presença de ordens religiosas que incentivavam a fixação de populações.

O povoamento do sertão, diferentemente do litoral açucareiro, teve um caráter disperso, mas nem por isso menos relevante no desenvolvimento da sociedade colonial nordestina.

► O papel do rio São Francisco como eixo de povoamento

O rio São Francisco foi um dos principais vetores de ocupação da região. Suas margens férteis, a abundância de água em meio ao semiárido e sua navegabilidade permitiram a formação de pequenos núcleos populacionais ao longo de seu curso. A região onde hoje se localiza o município de Pão de Açúcar era particularmente estratégica:

- Permitida a travessia de tropas e boiadas entre margens opostas do rio.
- Facilitava a comunicação entre o sertão de Alagoas e outras regiões como Bahia, Pernambuco e Sergipe.
- Servia como rota de transporte de mercadorias e produtos agropecuários.

A ocupação inicial se deu em torno de pontos de apoio e pouso, usados por vaqueiros, comerciantes e missionários, que, ao longo do tempo, foram se transformando em arraiais permanentes.

► Núcleos de povoamento ligados à atividade agropecuária

A pecuária extensiva foi o principal motor da fixação de populações no sertão. Com grandes áreas de caatinga apropriadas para o pasto do gado bovino e caprino, diversas fazendas foram instaladas por sesmeiros – beneficiários de concessões de terras pela Coroa portuguesa. Esses proprietários criaram as chamadas “fazendas de gado”, geralmente compostas por:

- Casa-grande, onde vivia o proprietário.
- Currais e pastos para criação de animais.
- Casa de farinha e pequenas lavouras de subsistência.
- Habitações para trabalhadores e escravizados.

Essas fazendas, por vezes isoladas, se conectavam por caminhos de gado e davam origem a pontos de troca e abastecimento, que evoluíram para povoados.

► A fundação de capelas como centros de aglutinação social

Um elemento central na formação dos núcleos de povoamento era a construção de capelas ou igrejas. A fé católica, fortemente institucionalizada no Brasil colonial, servia como eixo organizador da vida coletiva. Era comum que fazendeiros abastados mandassem construir uma capela em homenagem a um santo de devoção familiar, geralmente em áreas mais elevadas, o que além de garantir proteção simbólica, facilitava a visualização do povoado à distância.

As capelas não apenas abrigavam cerimônias religiosas, mas também funcionavam como:

- Espaços de reunião comunitária.
- Locais de registro de batismos, casamentos e óbitos (os livros paroquiais).
- Referência para delimitação de freguesias e futuras vilas.

No caso de Pão de Açúcar, a presença de templos religiosos impulsionou o surgimento de uma freguesia que, com o tempo, foi elevada à categoria de vila e depois município.

► Do arraial à vila: crescimento demográfico e institucionalização

Conforme a população aumentava e os laços comunitários se fortaleciam, os arraiais passaram a reivindicar maior autonomia administrativa. Isso se dava por meio da criação de freguesias, a instalação de juizados e, posteriormente, a elevação à condição de vila com Câmara Municipal, cadeia pública e pelourinho (símbolo do poder judicial e administrativo).

No contexto de Pão de Açúcar, o povoado originado às margens do São Francisco se desenvolveu com base:

- Na integração comercial com outras regiões ribeirinhas.
- Na organização de feiras e mercados para escoamento da produção agropecuária.
- No reconhecimento religioso e político por parte das autoridades coloniais e imperiais.

Esse crescimento foi gradual, mas constante, consolidando a localidade como ponto importante do sertão alagoano.

► Elementos estruturantes dos primeiros núcleos

Alguns elementos podem ser destacados como estruturantes da formação dos primeiros núcleos de povoamento em regiões sertanejas como Pão de Açúcar:

- **Geográficos:** presença de rios, topografia elevada, proximidade com rotas de boiadeiros.
- **Econômicos:** atividades como a pecuária, agricultura de subsistência e comércio local.
- **Religiosos:** fundação de igrejas e incentivo à vida cristã comunitária.
- **Sociais:** fixação de famílias, organização em torno de líderes locais e relações clientelistas.
- **Políticos:** concessões de sesmarias e posterior estruturação em freguesias e vilas.

Esses fatores combinados permitiram a fixação definitiva de populações, criando uma rede de povoados e cidades que se tornariam a base da organização territorial do sertão nordestino.

A formação dos primeiros núcleos de povoamento em Pão de Açúcar reflete o padrão de ocupação adotado no sertão nordestino durante os séculos XVII e XVIII. Com base na pecuária, na religiosidade e na função estratégica do rio São Francisco, o povoamento ocorreu de forma espontânea e adaptada à realidade do semiárido.

Entender esse processo é fundamental para compreender a lógica do desenvolvimento urbano, social e econômico da região, cujas raízes ainda influenciam a estrutura atual do município.

PAPEL DA RELIGIÃO E DAS ORDENS MISSIONÁRIAS NA OCUPAÇÃO DE PÃO DE AÇÚCAR

A religiosidade teve papel central no processo de formação social e territorial do sertão nordestino, especialmente na região onde hoje se encontra o município de Pão de Açúcar. Desde o período colonial, a fé católica funcionou como instrumento de organização comunitária, dominação cultural e consolidação da presença portuguesa no interior do Brasil.

Nesse contexto, as ordens missionárias – com destaque para os franciscanos, jesuítas e carmelitas – foram agentes fundamentais na difusão da religião, na catequese indígena e na criação de aldeamentos que viriam a se transformar em povoados e vilas.

► **A religião como estrutura social e cultural**

No Brasil colonial, a Igreja Católica era parte integrante do poder estatal. A união entre Coroa portuguesa e Igreja conferia à religião um papel não apenas espiritual, mas também político, educacional e organizador. No sertão, onde o Estado tinha pouca presença efetiva, a autoridade eclesiástica muitas vezes substituía o poder público.

A construção de capelas e igrejas foi uma das primeiras ações em territórios recém-ocupados. Elas serviam como polos de aglutinação da população, sendo:

- Locais de culto e evangelização.
- Pontos de referência para o traçado urbano.
- Espaços de reunião e resolução de conflitos locais.

Em Pão de Açúcar, a elevação do povoado à condição de freguesia (divisão eclesiástica subordinada a uma paróquia) foi marco decisivo para seu reconhecimento institucional, uma vez que a criação da freguesia indicava certo grau de estabilidade demográfica e importância regional.

► **Ordens missionárias: agentes de catequese e colonização**

As ordens religiosas atuavam como braço missionário da Igreja. Enviados ao interior, seus membros tinham como principal objetivo catequizar os indígenas, inserindo-os no universo cristão. Entretanto, esse processo também visava consolidar o domínio português sobre o território, com os seguintes efeitos:

- Fixação de populações em torno de missões e aldeamentos.
- Difusão da língua portuguesa e de costumes europeus.
- Substituição de crenças e práticas tradicionais indígenas.

No sertão de Alagoas, os franciscanos destacaram-se pela simplicidade de vida e presença contínua nas comunidades. Já os jesuítas, com atuação mais organizada e intelectual, fundaram colégios e missões mais estruturadas, embora tenham sido expulsos do Brasil em 1759. Em muitos casos, a presença dessas ordens resultou em povoações que originaram núcleos urbanos estáveis.

► **As missões religiosas como núcleos civilizatórios**

As missões religiosas funcionavam como comunidades autossuficientes. Eram compostas por uma igreja, uma escola rudimentar, hortas, alojamentos e oficinas artesanais. Nessas estruturas:

- Os indígenas eram batizados e educados na fé cristã.
- O trabalho era dividido de forma coletiva, sob supervisão do missionário.
- Os valores europeus e a moral cristã eram fortemente inculcados.

O modelo missionário oferecia certo nível de proteção contra os abusos dos colonos laicos, mas também significava o controle da vida cotidiana dos indígenas, que perdiam autonomia sobre sua cultura, território e religião.

No caso de Pão de Açúcar, embora a fundação do povoado tenha seguido um modelo de colonização agropecuária, a presença de missionários foi importante para legitimar a ocupação e organizar a vida comunitária. A construção da igreja matriz e o calendário de festas religiosas funcionaram como pilares da identidade coletiva local.

► **Festividades religiosas e coesão social**

As festas religiosas tinham papel relevante na coesão dos primeiros núcleos populacionais. Eram ocasiões que uniam a devoção à celebração comunitária, com novenas, procissões, danças e feiras. A festa do padroeiro – geralmente associada à fundação da freguesia – era o ponto alto do calendário anual.

Essas festividades fortaleciam o senso de pertencimento, reforçavam hierarquias sociais (com a presença de autoridades religiosas e civis) e movimentavam a economia local com a venda de produtos e a circulação de visitantes. A festa de padroeiro de Pão de Açúcar, como em outras localidades nordestinas, se consolidou como expressão da religiosidade popular e da tradição cultural.

► **A igreja como registro da vida civil**

Além do papel espiritual, a Igreja era responsável por registrar eventos essenciais da vida da população, como:

- Batismos (nascimento e identidade cristã).
- Casamentos (legitimação da união e dos filhos).
- Óbitos (registro de falecimentos e heranças).

Esses registros eclesiásticos antecederam os cartórios civis e ainda hoje são fonte histórica valiosa para compreender a formação social dos núcleos sertanejos. O padre, figura central nessas comunidades, muitas vezes acumulava funções religiosas, educacionais e administrativas.

A religião e as ordens missionárias foram pilares estruturantes da ocupação do sertão nordestino. Em Pão de Açúcar, como em tantas outras localidades da região, a Igreja Católica exerceu função agregadora, civilizadora e organizadora.

As ordens religiosas não apenas difundiram a fé cristã, mas também contribuíram para a formação de comunidades coesas, lançando as bases institucionais dos futuros municípios.

Compreender esse papel é fundamental para o estudo da história regional, pois revela como a espiritualidade, a política e a cultura se entrelaçaram na construção das sociedades sertanejas.

A presença da fé católica está não apenas nas igrejas e nos registros escritos, mas na própria paisagem urbana, nos costumes e na identidade do povo de Pão de Açúcar.

**CRESCIMENTO ECONÔMICO E FIXAÇÃO POPULACIONAL NA
REGIÃO DE PÃO DE AÇÚCAR**

A consolidação do povoado de Pão de Açúcar como núcleo urbano relevante no sertão alagoano está diretamente relacionada ao seu desenvolvimento econômico e à fixação gradual de sua população.

Esse processo, que se intensificou a partir do século XVIII, refletiu as transformações mais amplas do interior nordestino, impulsionado pela pecuária, pela agricultura de subsistência e pela integração com rotas comerciais fluviais e terrestres.

A ocupação definitiva da região envolveu tanto fatores geográficos e econômicos quanto sociais e culturais.

INFORMÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

A informática, ou ciência da computação, é a área dedicada ao processamento automático da informação por meio de sistemas computacionais. Seu nome, derivado da fusão das palavras “informação” e “automática”, reflete o objetivo principal: utilizar computadores e algoritmos para tratar, armazenar e transmitir dados de forma eficiente e precisa.

A evolução da informática começou com dispositivos de cálculo simples, como o ábaco, e avançou significativamente ao longo dos séculos. No século 17, Blaise Pascal criou a Pascaline, uma das primeiras calculadoras mecânicas. Já no século 19, Charles Babbage projetou a Máquina Analítica, precursora dos computadores modernos. Ada Lovelace, sua colaboradora, escreveu o primeiro algoritmo destinado a ser executado por uma máquina, tornando-se a primeira programadora da história.

No século 20, a informática passou por transformações revolucionárias. Surgiram os primeiros computadores eletrônicos, como o ENIAC, que usava válvulas para realizar cálculos em grande velocidade. A invenção do transistor e dos circuitos integrados possibilitou a criação de computadores menores e mais rápidos, e, com a chegada dos microprocessadores, os computadores pessoais começaram a se popularizar.

Hoje, a informática permeia praticamente todos os aspectos da vida cotidiana, desde smartphones até sistemas avançados de inteligência artificial. A área segue em constante inovação, impulsionando mudanças significativas em como nos comunicamos, trabalhamos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Fundamentos de Informática

– **Computador:** é uma máquina capaz de receber, armazenar, processar e transmitir informações. Os computadores modernos são compostos por hardware (componentes físicos, como processador, memória, disco rígido) e software (programas e sistemas operacionais).

– **Hardware e Software:** hardware refere-se aos componentes físicos do computador, enquanto o software refere-se aos programas e aplicativos que controlam o hardware e permitem a execução de tarefas.

– **Sistema Operacional:** é um software fundamental que controla o funcionamento do computador e fornece uma interface entre o hardware e os programas. Exemplos de sistemas operacionais incluem Windows, macOS, Linux, iOS e Android.

– **Periféricos:** são dispositivos externos conectados ao computador que complementam suas funcionalidades, como teclado, mouse, monitor, impressora, scanner, alto-falantes, entre outros.

– **Armazenamento de Dados:** refere-se aos dispositivos de armazenamento utilizados para guardar informações, como discos rígidos (HDS), unidades de estado sólido (SSDs), pen drives, cartões de memória, entre outros.

– **Redes de Computadores:** são sistemas que permitem a comunicação entre computadores e dispositivos, permitindo o compartilhamento de recursos e informações. Exemplos incluem a Internet, redes locais (LANs) e redes sem fio (Wi-Fi).

– **Segurança da Informação:** Refere-se às medidas e práticas utilizadas para proteger os dados e sistemas de computadores contra acesso não autorizado, roubo, danos e outros tipos de ameaças.

Tipos de computadores

– **Desktops:** são computadores pessoais projetados para uso em um único local, geralmente composto por uma torre ou gabinete que contém os componentes principais, como processador, memória e disco rígido, conectados a um monitor, teclado e mouse.

– **Laptops (Notebooks):** são computadores portáteis compactos que oferecem as mesmas funcionalidades de um desktop, mas são projetados para facilitar o transporte e o uso em diferentes locais.

– **Tablets:** são dispositivos portáteis com tela sensível ao toque, menores e mais leves que laptops, projetados principalmente para consumo de conteúdo, como navegação na web, leitura de livros eletrônicos e reprodução de mídia.

– **Smartphones:** são dispositivos móveis com capacidades de computação avançadas, incluindo acesso à Internet, aplicativos de produtividade, câmeras de alta resolução, entre outros.

– **Servidores:** são computadores projetados para fornecer serviços e recursos a outros computadores em uma rede, como armazenamento de dados, hospedagem de sites, processamento de e-mails, entre outros.

– **Mainframes:** são computadores de grande porte projetados para lidar com volumes massivos de dados e processamento de transações em ambientes corporativos e institucionais, como bancos, companhias aéreas e agências governamentais.

– **Supercomputadores:** são os computadores mais poderosos e avançados, projetados para lidar com cálculos complexos e intensivos em dados, geralmente usados em pesquisa científica, modelagem climática, simulações e análise de dados.

COMPONENTES DE HARDWARE E SOFTWARE DE COMPUTADORES E SUAS CARACTERÍSTICAS

HARDWARE

O hardware é a parte física do computador, composta por todos os componentes e dispositivos que podem ser tocados, como placas, cabos, memórias, dispositivos de entrada e saída,

entre outros. Ele é dividido em várias categorias com base em sua função: componentes internos, dispositivos de entrada, dispositivos de saída e dispositivos de armazenamento.

Componentes Internos

– **Placa-mãe (Motherboard):** É o principal componente do computador, responsável por conectar todos os outros dispositivos. Ela contém slots para o processador, memória RAM, discos de armazenamento e placas de expansão.

– **Processador (CPU - Central Processing Unit):** Conhecido como o “cérebro” do computador, o processador executa as instruções dos programas e realiza cálculos. Ele é dividido em:

- Unidade de Controle (UC): Gerencia a execução das instruções.

- Unidade Lógica e Aritmética (ULA): Realiza cálculos matemáticos e operações lógicas.

– **Memória RAM (Random Access Memory):** Uma memória volátil e temporária usada para armazenar dados dos programas em execução. Perde seu conteúdo ao desligar o computador.

– **Memória ROM (Read Only Memory):** Uma memória não volátil que armazena instruções permanentes, como o BIOS, essencial para inicializar o computador.

– **Memória Cache:** Uma memória extremamente rápida que armazena dados frequentemente usados pelo processador, acelerando o desempenho.

– **Placa de Vídeo (GPU - Graphics Processing Unit):** Responsável por processar imagens e vídeos, essencial para gráficos avançados e jogos.

– **Fonte de Alimentação:** Fornece energia elétrica para todos os componentes do computador.

– **Placa de Rede:** Permite a conexão do computador a redes locais ou à internet, podendo ser com fio ou sem fio.

Dispositivos de Entrada

– **Teclado:** Permite inserir informações no computador através de teclas.

– **Mouse:** Facilita a interação com interfaces gráficas.

– **Microfone:** Captura áudio para comunicação ou gravação.

– **Scanner:** Converte documentos físicos em arquivos digitais.

– **Webcam:** Captura imagens e vídeos.

Dispositivos de Saída

– **Monitor:** Exibe imagens, vídeos e informações ao usuário.

– **Impressora:** Produz cópias físicas de documentos ou imagens.

– **Caixas de Som/Fones de Ouvido:** Reproduzem áudio.

– **Projetores:** Apresentam imagens ou vídeos em grandes superfícies.

Dispositivos de Entrada e Saída (I/O)

Alguns dispositivos desempenham as duas funções:

– **Pen Drives:** Permitem armazenar dados e transferi-los.

– **Touchscreen:** Combina entrada (toque) e saída (exibição).

– **Impressoras Multifuncionais:** Funcionam como scanner e impressora.

Dispositivos de Armazenamento

– **HD (Hard Disk):** Um disco magnético usado para armazenar grandes quantidades de dados de forma permanente.

– **SSD (Solid State Drive):** Uma unidade de armazenamento mais rápida e resistente que o HD, usada para maior desempenho.

– **Memórias Externas:** Incluem pen drives, cartões de memória e discos rígidos externos.

– **Mídias Ópticas:** CDs, DVDs e Blu-rays, que armazenam dados de forma durável.

– **CD (Compact Disc):** Armazena até 700 MB de dados.

– **DVD (Digital Versatile Disc):** Armazena entre 4,7 GB (camada única) e 8,5 GB (duas camadas).

– **Blu-ray:** Armazena até 25 GB por camada.

SOFTWARE

O software é a parte lógica do computador, composta pelos programas que permitem a execução de tarefas e o funcionamento do hardware. Ele é classificado em software de sistema, software de aplicação e software utilitário.

Software de Sistema

O software de sistema gerencia os recursos do computador e serve como interface entre o hardware e o usuário. O principal exemplo é o sistema operacional (SO). O SO controla todos os dispositivos e fornece uma plataforma para a execução de programas. Exemplos incluem:

– **Windows:** Popular em computadores pessoais e empresariais.

– **Linux:** Sistema operacional de código aberto, amplamente utilizado em servidores e por usuários avançados.

– **macOS:** Exclusivo para computadores da Apple.

– **Android e iOS:** Sistemas operacionais para dispositivos móveis.

Software de Aplicação

O software de aplicação é projetado para ajudar os usuários a realizar tarefas específicas. Exemplos incluem:

– **Microsoft Office:** Ferramentas como Word, Excel e PowerPoint.

– **Navegadores de Internet:** Google Chrome, Mozilla Firefox e Safari.

– **Softwares Gráficos:** Adobe Photoshop e CorelDRAW.

– **Jogos:** Programas interativos voltados para entretenimento.

Software Utilitário

Os softwares utilitários são usados para realizar tarefas de manutenção e otimização do sistema. Exemplos:

– **Antivírus:** Protegem o computador contra malware.

– **Gerenciadores de Arquivos:** Auxiliam na organização e manipulação de arquivos.

– **Compactadores de Arquivos:** Como WinRAR e 7-Zip, que reduzem o tamanho dos arquivos.

OPERAÇÃO, CONFIGURAÇÃO E CONCEITOS FUNDAMENTAIS DOS SISTEMAS OPERACIONAIS WINDOWS 10 OU POSTERIOR E LINUX (PRINCIPAIS AMBIENTES GRÁFICOS, GERENCIAMENTO DE ARQUIVOS E PERMISSÕES, OPERAÇÕES BÁSICAS E CONFIGURAÇÕES DE REDE)

WINDOWS 10

O Windows 10 é um sistema operacional desenvolvido pela Microsoft, amplamente utilizado em computadores pessoais, laptops e dispositivos híbridos. Ele oferece uma interface intuitiva e recursos que facilitam a produtividade, o entretenimento e a conectividade.

Área de trabalho

A área é o espaço principal de trabalho do sistema, onde você pode acessar atalhos de programas, pastas e arquivos. O plano de fundo pode ser personalizado com imagens ou cores sólidas, e os ícones podem ser organizados conforme sua preferência. Além disso, a barra de tarefas na parte inferior centraliza funções como:

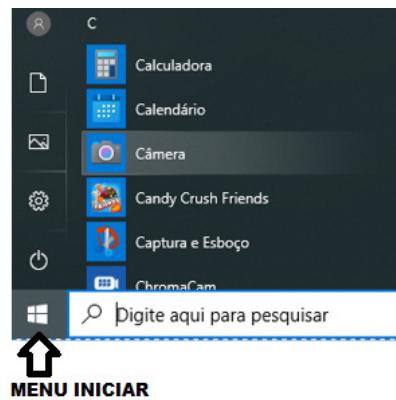
- **Botão Iniciar:** acesso rápido aos aplicativos e configurações.
- **Barra de pesquisa:** facilita a busca de arquivos e aplicativos no sistema.
- **Ícones de aplicativos:** mostram os programas em execução ou fixados.
- **Relógio e notificações:** localizados no canto direito para visualização rápida.



Uso dos menus

Os menus no Windows 10 são projetados para facilitar o acesso a diversas funções e aplicativos. Ao clicar no botão Iniciar, você encontrará:

- Uma lista dos programas instalados.
- Atalhos para aplicativos fixados.
- A barra de pesquisa, onde você pode digitar para localizar programas, arquivos e configurações de forma rápida.



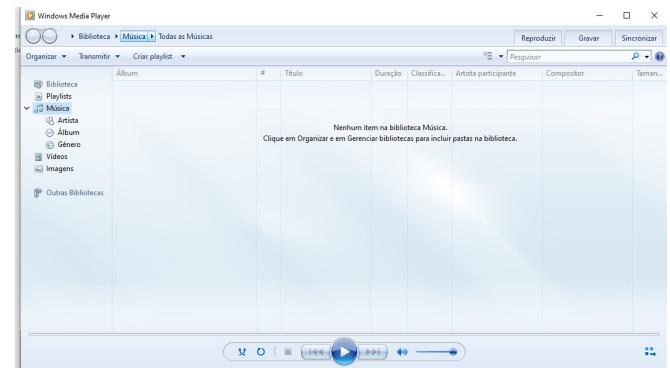
MENU INICIAR

Programas e interação com o usuário

Para entender melhor as funções categorizadas no Windows 10, vamos dividir os programas por categorias, explorando as possibilidades que cada um oferece para o usuário.

Música e Vídeo: O Windows Media Player é o player nativo do sistema, projetado para reproduzir músicas e vídeos, proporcionando uma experiência multimídia completa. Suas principais funcionalidades incluem:

- **Organização de bibliotecas:** gerencie arquivos de música, fotos e vídeos armazenados no computador.
- **Reprodução de mídia:** toque músicas e vídeos em diversos formatos compatíveis.
- **Criação de playlists:** organize suas músicas em listas personalizadas para diferentes ocasiões.
- **Gravação de CDs:** transfira suas playlists para CDs de maneira prática.
- **Sincronização com dispositivos externos:** conecte dispositivos de armazenamento e transfira sua mídia facilmente.

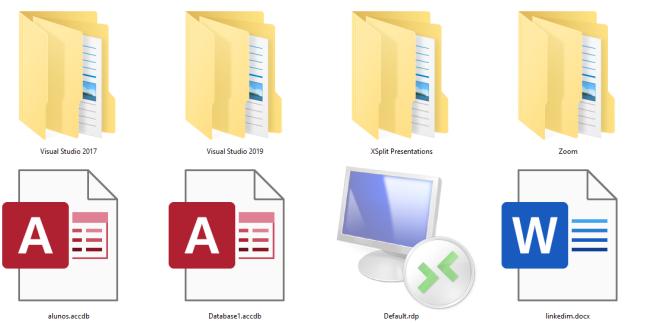


Conceito de pastas e diretórios

Pasta algumas vezes é chamada de diretório, mas o nome “pasta” ilustra melhor o conceito. Pastas servem para organizar, armazenar e organizar os arquivos. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos, aplicativos diversos).

Lembrando sempre que o Windows possui uma pasta com o nome do usuário onde são armazenados dados pessoais.

Dentro deste contexto temos uma hierarquia de pastas.



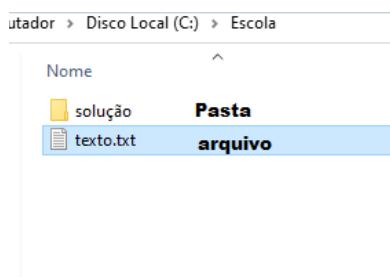
No caso da figura acima temos quatro pastas e quatro arquivos.

Arquivos e atalhos

Como vimos anteriormente: pastas servem para organização, vimos que uma pasta pode conter outras pastas, arquivos e atalhos.

– **Arquivo:** é um item único que contém um determinado dado. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos e etc..), aplicativos diversos, etc.

– **Atalho:** é um item que permite fácil acesso a uma determinada pasta ou arquivo propriamente dito.



Área de transferência

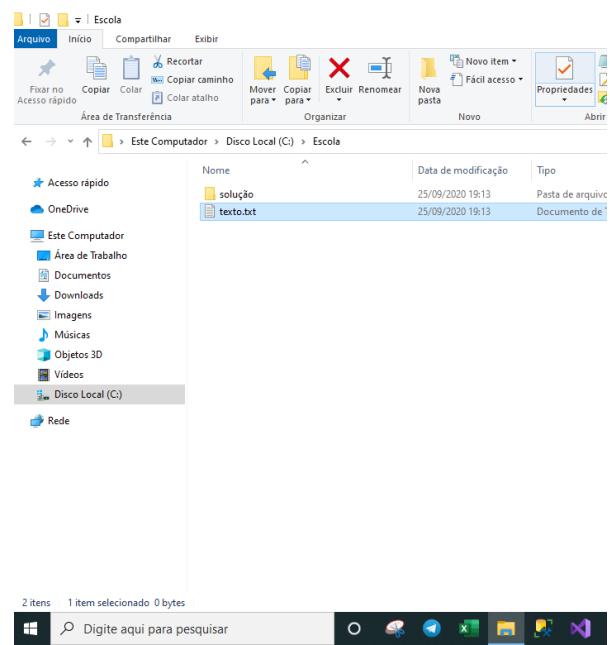
A área de transferência é muito importante e funciona em segundo plano. Ela funciona de forma temporária guardando vários tipos de itens, tais como arquivos, informações etc.

– Quando executamos comandos como “Copiar” ou “Ctrl + C”, estamos copiando dados para esta área intermediária.

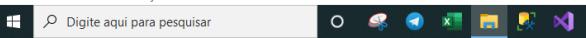
– Quando executamos comandos como “Colar” ou “Ctrl + V”, estamos colando, isto é, estamos pegando o que está gravado na área de transferência.

Manipulação de arquivos e pastas

A caminho mais rápido para acessar e manipular arquivos e pastas e outros objetos é através do “Meu Computador”. Podemos executar tarefas tais como: copiar, colar, mover arquivos, criar pastas, criar atalhos etc.

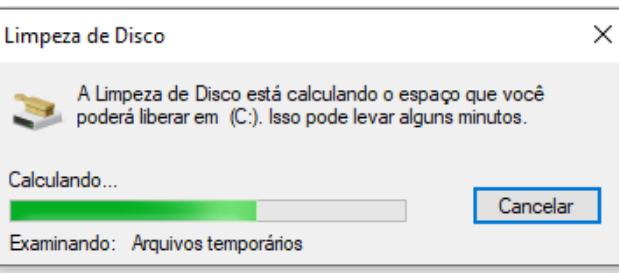


2 itens 1 item selecionado 0 bytes

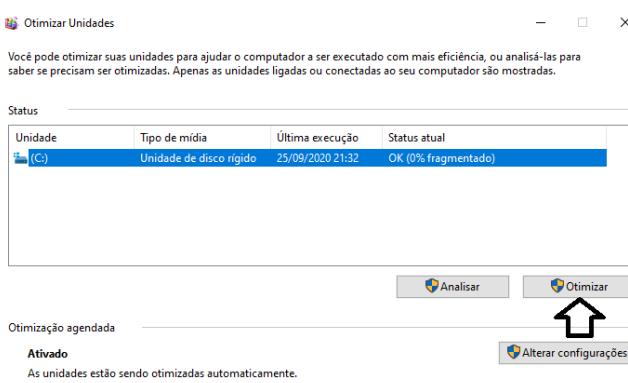


Ferramentas do sistema

– A limpeza de disco é uma ferramenta importante, pois o próprio Windows sugere arquivos inúteis e podemos simplesmente confirmar sua exclusão.



– O desfragmentador de disco é uma ferramenta muito importante, pois conforme vamos utilizando o computador os arquivos ficam internamente desorganizados, isto faz que o computador fique lento. Utilizando o desfragmentador o Windows se reorganiza internamente tornando o computador mais rápido e fazendo com que o Windows acesse os arquivos com maior rapidez.



CONHECIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO, DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO, INCLUINDO NEUROCIÊNCIA

— Introdução

A Psicologia da Educação estuda o comportamento do ser humano no ambiente educacional, na busca pela compreensão acerca do funcionamento do processo de ensino e aprendizagem e no aprofundamento da investigação sobre as dificuldades de aprendizagem, criando ferramentas e estratégias com a finalidade de melhorar os processos de ensino, orientando professores e promovendo a inclusão.

— Comportamentalismo

O Comportamentalismo (Behaviorismo) é uma teoria psicológica baseada no estudo do comportamento humano a partir de estímulos, buscando entender a forma de resposta a esses estímulos, dentro do contexto em que o indivíduo está inserido. Podemos, portanto, destacar três aspectos centrais dessa teoria:

- 1 – Ênfase no indivíduo;
- 2 – Atenção ao comportamento organizacional e nos processos de trabalho;
- 3 – O estudo comportamental.

Assim, a aprendizagem é definida como uma mudança de comportamento que se dá em resposta a estímulos ambientais. Esses estímulos podem ser positivos ou negativos.

Os estímulos positivos, também chamados de “recompensas”, possibilitam a criação de associações positivas entre a “recompensa” e um determinado comportamento, levando-o à repetição da ação.

Já os estímulos negativos ou “castigos”, provocam o efeito contrário, fazendo com que o indivíduo evite repetir essas ações, a partir da associação de certos comportamentos com tais estímulos.

— Cognitivismo

Diferentemente do Comportamentalismo, que estabelece certa semelhança entre seres humanos e outros animais, nos processos de aquisição de comportamentos a partir de estímulos, o Cognitivismo analisa os humanos como seres racionais, diferentes dos outros animais. Assim, essa teoria explora as complexidades da mente humana no processamento de informações, estabelecendo o comportamento como resultado do pensamento.

Dessa forma, a aprendizagem é considerada resultado das atividades mentais (pensamento, conhecimento, memória, motivação, reflexão e resolução de problemas), sendo avaliada através da demonstração de conhecimento e da compreensão.

— Gestalt

O termo, de origem alemã, significa “forma total” e está relacionado ao modo através do qual, percebemos as coisas. Nesse contexto, os processos de desenvolvimento e aprendizagem são entendidos como resultado do amadurecimento do sistema nervoso e das estruturas sensoriais do indivíduo que gradativamente, permitem o aumento de sua capacidade perceptora, podendo contribuir para auxiliar o professor na organização dos estímulos, facilitando o processo de percepção.

— Construtivismo

A escola construtivista baseia-se na criação de informações subjetivas por parte do aluno, a partir de sua própria interpretação do mundo, provocando a reestruturação de seu pensamento.

Desse modo, pode-se entender que o construtivismo adota uma abordagem focada no aluno, enquanto o professor assume o papel de guia do processo de aprendizagem.

A aprendizagem, na escola construtivista, é entendida como um processo de crescimento intelectual, baseado no conhecimento prévio do aluno e na aquisição de novos conhecimentos, adquiridos por meio das vivências e interpretações que ele estabelece com o meio à sua volta.

Dentro da abordagem construtivista, destacam-se duas vertentes: o **Construtivismo Social** e o **Cognitivo**, também chamado de **Neoconstrutivismo**. O primeiro, acredita que os alunos formulam suas hipóteses sobre o ambiente e as testam através de negociações sociais. Enquanto o **Construtivismo Cognitivo** ou **Neoconstrutivismo** se interessa pelo processo como ocorre a construção das hipóteses e da geração do conhecimento.

— Condutivismo

O Condutivismo baseia-se no Comportamentalismo ou Behaviorismo, que defende o controle dos comportamentos, portanto das **condutas** adotadas frente a associações estabelecidas com estímulos positivos ou negativos, de forma que os positivos incentivem a repetição das **condutas**, enquanto os negativos, inibam essa repetição.

— Inteligências Múltiplas

A teoria das Inteligências Múltiplas defende que o ser humano é capaz de desenvolver nove tipos de inteligências, porém, nem todos desenvolvem todas elas. Em geral, observa-se o desenvolvimento de uma ou duas. Através das Inteligências Múltiplas é possível retratar os vários comportamentos pelos quais as pessoas expõem suas habilidades de cognição. A tabela abaixo, apresenta os nove tipos de inteligência e suas características:

Tipo de Inteligência	Característica
Lógico-Matemática	Cálculos e raciocínio lógico.
Linguística	Aptidão para aprender idiomas e habilidades comunicativas.
Espacial	Compreender e elaborar imagens.
Físico-Cinestésica	Percepção e execução de movimentos corporais.
Interpessoal	Habilidades de oratória, compreensão e argumentação.
Intrapessoal	Capacidade de elaborar pensamentos, autoconhecimento.
Musical	Aprender a ler e compor música, aprender a tocar um instrumento.
Naturalista	Relacionar-se com a natureza, plantas e animais.
Existencialista	Relacionar-se com questões relativas à natureza humana e a existência.

— Inteligência Emocional

A Inteligência Emocional se desenvolve a partir das competências relacionadas a lidar com as emoções. Dentre elas, pode-se citar as **soft skills**, que tratam das interações estabelecidas entre as pessoas. A popularização da Inteligência Emocional se deu por intermédio do psicólogo inglês Daniel Goleman que descreveu-a como sendo a capacidade de gerenciamento das emoções, essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo, contribuindo, inclusive, para um melhor desempenho profissional. O modelo de Goleman baseia-se em cinco pilares:

- **Autoconsciência:** capacidade de reconhecer as próprias emoções.
- **Autorregulação:** capacidade de lidar com as próprias emoções.
- **Automotivação:** capacidade de se motivar e de se manter motivado.
- **Empatia:** capacidade de enxergar as situações pela perspectiva dos outros.
- **Habilidades sociais:** conjunto de capacidades envolvidas na interação social.

— Teoria da Aprendizagem Significativa

O entendimento dos processos de aprendizagem modificou a formatação dos currículos que, mais do que a listagem dos conteúdos a serem trabalhados, hoje contempla também a determinação das metodologias mais adequadas a serem empregadas, de modo que atribuam a eles significância em relação ao contexto social que o aluno se insere, com objetivos que visam a formação ética, reflexiva e humanizada.

Assim, essa formação só é possível quando “os estudantes produzem sentidos e significados acerca de suas aprendizagens, de maneira contextualizada e protagonista, levando em conta o conhecimento prévio que trazem da esfera escolar e para além dela, aspectos que se observam na leitura dos relatos de prática dos professores.” (BNCC)

— Aprendizado Experimental

O Aprendizado Experiencial é um método pedagógico que utiliza experiências para possibilitar a aprendizagem, permitindo que o aluno vivencie na prática o objeto de estudo, atribuindo maior significância ao que se aprende. Essa metodologia é baseada nos seguintes fundamentos:

- 1 – Aprender na prática.
- 2 – Mudança no papel do professor, que deixa de ser o detentor do conhecimento e se torna um facilitador nas experiências dos alunos, os guiando para que possam chegar a resultados satisfatórios.
- 3 – Capacidade de replicar o conhecimento.
- 4 – Compreender os processos, além de teorias e conceitos abstratos.
- 5 – Utilizar diversas formas de aprender.

Aprendizado Situado

O Aprendizado Situado pode ser entendido como uma metodologia que utiliza a experimentação em grupos, dentro do contexto social dos indivíduos, de modo a desenvolver uma aprendizagem significativa através de um processo de protagonismo dos alunos, permitindo a troca de conhecimento entre os membros do grupo, a partir da vivência adquirida.

Nesse contexto, é importante que se destaque três aspectos fundamentais do aprendizado classificado como situado:

- 1 – Remete a pensamentos e ações das pessoas que acontecem em um mesmo espaço e tempo;
- 2 – Refere-se a práticas sociais que envolvem a participação de outras pessoas;
- 3 – Está atrelado a contextos sociais que funcionam como fonte de significados e conhecimentos.

— Psicanálise e Psicologia histórico-cultural

A psicologia histórico-cultural trabalha como a formação da consciência a partir das relações sociais. Com isso, se objetiva a aproximação entre o aluno e o objeto do conhecimento através de elementos pertencentes ao cotidiano dele, promovendo uma aprendizagem efetiva.

Nesse contexto, fica o professor responsável por mediar a interação entre o aluno e o objeto de conhecimento, democratizando o processo de ensino, descentralizado-o de sua figura, enquanto detentor do saber.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

A psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem é uma área central nos estudos educacionais, pois busca compreender os processos pelos quais os indivíduos se desenvolvem física, emocional, cognitiva e socialmente, além de explicar como ocorre o aprendizado ao longo da vida. Essa área de estudo, originada na interseção entre psicologia e educação, fornece bases teóricas e práticas que ajudam os educadores a adaptar suas estratégias de ensino às diferentes fases do desenvolvimento dos alunos, facilitando a construção de conhecimento e habilidades.

No contexto escolar, é essencial que os professores compreendam as transformações que ocorrem em cada etapa do desenvolvimento humano e as diversas formas como o aprendizado pode se manifestar, de modo a promover um ambiente de ensino inclusivo e estimulante. A partir de teorias e estudos científicos, como os de Jean Piaget e Lev Vygotsky para o desenvolvimento cognitivo, ou Erik Erikson para o desenvolvimento psicossocial, educadores conseguem compreender melhor os limites e as potencialidades dos alunos. Essas teorias explicam, por exemplo, como as crianças e os adolescentes percebem e interagem com o mundo, desenvolvendo habilidades cognitivas, como a resolução de problemas, e emocionais, como a autoconfiança.

Além disso, as teorias da aprendizagem, como o behaviorismo, o cognitivismo e a teoria da aprendizagem social, oferecem modelos que elucidam o processo pelo qual as pessoas assimilam e retêm novos conhecimentos. Elas mostram que fatores como reforço positivo, observação e processos mentais internos são fundamentais na construção do conhecimento, permitindo que o ensino seja planejado para maximizar o engajamento e o desenvolvimento dos alunos.

Assim, ao estudar a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, educadores obtêm ferramentas para planejar aulas que respeitem as diferentes fases e estilos de aprendizagem dos estudantes, promovendo uma educação mais personalizada e eficaz.

— Teorias do Desenvolvimento Cognitivo

As teorias do desenvolvimento cognitivo oferecem modelos fundamentais para entender como as capacidades mentais e o pensamento se desenvolvem ao longo da vida. Duas das principais abordagens nesse campo foram elaboradas por Jean Piaget e Lev Vygotsky, que, apesar de possuírem perspectivas distintas, forneceram insights que transformaram o entendimento sobre o desenvolvimento cognitivo, especialmente no contexto educacional.

Teoria de Jean Piaget: Estágios do Desenvolvimento Cognitivo

Jean Piaget (1896–1980), um psicólogo suíço, foi pioneiro na compreensão de como as crianças constroem seu entendimento do mundo. Ele acreditava que o desenvolvimento cognitivo é um processo ativo, em que as crianças interagem com o ambiente, formulam hipóteses, testam-nas e ajustam suas ideias com base nos resultados. Piaget identificou quatro estágios principais de desenvolvimento, cada um caracterizado por novas capacidades cognitivas e diferentes formas de entender a realidade:

Estágio Sensório-Motor (0-2 anos)

Neste estágio, o aprendizado ocorre por meio das interações diretas com o ambiente através dos sentidos e movimentos corporais. O bebê desenvolve a permanência do objeto, que é a compreensão de que os objetos continuam a existir, mesmo quando não estão visíveis. A ausência dessa compreensão faz com que, por exemplo, o bebê perca o interesse em um brinquedo escondido.

Estágio Pré-Operatório (2-7 anos)

Marcado pelo desenvolvimento da linguagem e do pensamento simbólico, neste estágio a criança começa a usar palavras e imagens para representar objetos. No entanto, seu pensamento é ainda limitado pela egocentricidade (dificuldade em ver as coisas de outra perspectiva) e pelo pensamento animista (atribuir vida a objetos inanimados).

Estágio das Operações Concretas (7-11 anos)

Aqui, a criança começa a desenvolver a lógica concreta, conseguindo realizar operações mentais que envolvem objetos reais e situações práticas. Conceitos como conservação (entendimento de que certas propriedades, como quantidade, permanecem as mesmas mesmo quando a forma do objeto muda) e classificação (capacidade de organizar objetos em categorias) são aprendidos.

Estágio das Operações Formais (a partir dos 11 anos)

Este estágio é caracterizado pelo desenvolvimento da capacidade de raciocínio abstrato e hipotético. O adolescente torna-se capaz de pensar sobre ideias complexas, elaborar hipóteses e considerá-las logicamente, mesmo que não estejam diretamente ligadas à realidade. Esse tipo de pensamento permite a resolução de problemas complexos e a formação de ideologias pessoais.

Teoria de Lev Vygotsky: Desenvolvimento Cognitivo e a Influência Sociocultural

Lev Vygotsky (1896 – 1934), psicólogo russo, também estudou o desenvolvimento cognitivo, mas enfatizou a importância do contexto social e cultural nesse processo. Diferente de Piaget, Vygotsky acreditava que o aprendizado antecede o desenvolvimento, e que este ocorre por meio de interações com outras pessoas, especialmente adultos e pares mais experientes. Para ele, o conhecimento é construído a partir de mediações sociais e culturais. Seus principais conceitos incluem:

Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)

A ZDP é a diferença entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que ela pode realizar com a ajuda de alguém mais experiente. Para Vygotsky, a aprendizagem é maximizada quando ocorre dentro da ZDP, ou seja, quando o ensino é direcionado para atividades que a criança ainda não consegue fazer sozinha, mas que pode aprender com ajuda. Esse conceito destaca a importância do andamento guiado, onde o professor ou colega mais experiente apoia a criança, ajudando-a a avançar no desenvolvimento.

Mediação e Ferramentas Culturais

Vygotsky enfatiza que o uso de ferramentas culturais, como a linguagem e outros sistemas simbólicos (arte, matemática, escrita), é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. A linguagem, em especial, desempenha um papel central, pois é

por meio dela que o pensamento se organiza e se torna cada vez mais complexo. A fala interna, que surge na infância como uma forma de diálogo com os outros e se torna pensamento interiorizado, é uma ferramenta que permite a autorregulação e a solução de problemas.

Aprendizagem como Processo Social

Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo é indissociável do ambiente social. O aprendizado ocorre, principalmente, nas interações com outros, onde o estudante internaliza conhecimentos e práticas culturais. O processo de internalização permite que as funções mentais superiores, inicialmente realizadas em colaboração com o outro, se tornem funções internas.

Comparação entre Piaget e Vygotsky

Aspecto	Piaget	Vygotsky
Foco do Desenvolvimento	Interação com o ambiente físico	Interação com o ambiente social
Sequência de Desenvolvimento	A criança passa por estágios que devem ocorrer em ordem sequencial (universais)	O desenvolvimento não é universal e depende do contexto cultural
Aprendizagem e Desenvolvimento	O desenvolvimento precede a aprendizagem, que ocorre quando o aluno está “pronto”	A aprendizagem precede o desenvolvimento e impulsiona as novas competências
Papel do Educador	Observador, criando ambientes que estimulem descobertas autônomas	Facilitador ativo, que orienta o aluno dentro da ZDP

Implicações para a Educação

A aplicação prática dessas teorias sugere abordagens educacionais diferentes. Enquanto a perspectiva de Piaget apoia a ideia de atividades autônomas e exploração do ambiente, a de Vygotsky incentiva o ensino interativo e colaborativo, valorizando o papel do professor e dos colegas como mediadores do conhecimento.

1. Com base em Piaget, o ensino deve propor atividades adequadas ao estágio de desenvolvimento dos alunos, respeitando suas limitações cognitivas e estimulando seu potencial para descobrir por si próprios.

2. Com base em Vygotsky, o ensino deve aproveitar a ZDP dos alunos, propondo atividades que desafiem o aluno com o apoio do professor e colegas mais experientes. A prática colaborativa e a troca de conhecimento em grupo são recomendadas, valorizando o contexto social e cultural no qual o aluno está inserido.

As teorias do desenvolvimento cognitivo de Piaget e Vygotsky são complementares, oferecendo uma compreensão ampla do desenvolvimento humano. Enquanto Piaget nos guia sobre as capacidades e limitações do pensamento em diferentes idades,

Vygotsky enfatiza a importância do contexto social e do aprendizado mediado. Ambas as teorias são essenciais para um planejamento pedagógico que atenda às necessidades dos alunos, promovendo seu desenvolvimento de forma integrada e contextualizada.

— Teorias da Aprendizagem

As teorias da aprendizagem são fundamentais para entender como o ser humano adquire, processa e retém o conhecimento. Elas fornecem uma base teórica para que educadores e psicólogos compreendam os diferentes mecanismos envolvidos no aprendizado, além de fornecerem subsídios para a criação de estratégias pedagógicas eficazes.

Entre as principais abordagens estão o Behaviorismo, a Teoria Cognitiva e a Teoria da Aprendizagem Social, cada uma com ênfases e implicações distintas para a prática educacional.

Behaviorismo

O behaviorismo, desenvolvido por pesquisadores como John Watson e B.F. Skinner, foca no estudo de comportamentos observáveis e acredita que o aprendizado é fruto de associações entre estímulos e respostas. A premissa básica dessa teoria é que todo comportamento pode ser moldado por meio de reforços e punições, sendo a aprendizagem o resultado dessas associações e condições externas.

Principais Conceitos

— **Condicionamento Clássico:** Desenvolvido por Ivan Pavlov, este conceito refere-se ao aprendizado baseado na associação entre um estímulo neutro e um estímulo incondicionado. Por exemplo, ao tocar um sino antes de alimentar um cão repetidamente, Pavlov fez com que o cão começasse a salivar apenas ao ouvir o sino, associando o som à comida.

— **Condicionamento Operante:** Introduzido por B.F. Skinner, esse tipo de aprendizado envolve o uso de reforços (positivos ou negativos) para aumentar a frequência de um comportamento, e de punições para reduzir sua ocorrência. Por exemplo, ao elogiar um aluno que responde corretamente (reforço positivo), aumenta-se a chance de que ele continue participando ativamente.

Implicações para a Educação

Na educação, o behaviorismo se traduz em práticas como o reforço positivo (elogios, recompensas) para motivar comportamentos desejáveis, e o reforço negativo (remoção de um fator desagradável) ou punição para reduzir comportamentos indesejáveis. A aprendizagem programada e o ensino mecânico, onde os alunos recebem feedback imediato sobre seu desempenho, também são influenciados por essa abordagem.

Teoria Cognitiva

A Teoria Cognitiva, desenvolvida a partir do trabalho de psicólogos como Jean Piaget e Jerome Bruner, foca nos processos mentais internos envolvidos na aprendizagem. Diferente do behaviorismo, que se concentra nos comportamentos observáveis, o cognitivismo busca entender como a informação é percebida, armazenada e recuperada pela mente. Essa abordagem considera o aprendiz como um agente ativo que constrói seu próprio conhecimento, organizando e interpretando as informações.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Infantil e do 1º ao 5º ano

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS DAS ÁREAS CURRICULARES: LÍNGUA PORTUGUESA: DESENVOLVIMENTO DA LEITURA, ORALIDADE E PRODUÇÃO TEXTUAL; ENSINO DA GRAMÁTICA EM CONTEXTO; GÊNEROS TEXTUAIS

Desenvolvimento da Leitura, Oralidade e Produção Textual

A importância da leitura no processo de aprendizagem

O desenvolvimento da leitura é um dos pilares fundamentais da alfabetização e do letramento na Educação Básica. Mais do que decodificar palavras, ler implica compreender, interpretar, inferir e refletir criticamente sobre os textos. A leitura, nesse sentido, é uma prática social que permite ao sujeito interagir com o mundo, construir significados e posicionar-se diante das informações.

A BNCC destaca a leitura como uma competência geral da educação básica: "Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética" (BNCC, 2017). Entre as competências específicas de Língua Portuguesa, enfatiza-se o trabalho com múltiplas formas de leitura, em diversos suportes e mídias, com foco na diversidade de gêneros e nas múltiplas semioses (verbal, visual, sonora).

Principais estratégias de leitura:

- Antecipação: ativação de conhecimentos prévios para formular hipóteses sobre o texto.
- Inferência: leitura "entrelinhas", buscando sentidos implícitos.
- Verificação e ajuste de hipóteses: leitura crítica com base no confronto de informações textuais e extratextuais.
- Releitura e síntese: retomada do texto para aprofundamento e reorganização do sentido.

A leitura deve ser trabalhada de forma sistemática, com práticas regulares e significativas, respeitando os níveis de proficiência dos estudantes. Projetos de leitura, rodas de conversa literária e trabalho com gêneros variados (crônicas, reportagens, contos, tirinhas, infográficos) são estratégias potentes para desenvolver essa competência.

Oralidade na sala de aula

A oralidade é uma competência essencial para a vida em sociedade e também constitui um objeto de ensino. A diferença entre a linguagem oral e escrita não reside apenas no canal, mas nas condições de produção, no grau de planejamento e na finalidade comunicativa.

Na escola, ensinar oralidade não significa apenas permitir que os alunos falem, mas criar condições para que desenvolvam competências como:

- Escutar com atenção.
- Tomar a palavra em contextos de interação.

- Argumentar com clareza e coerência.
- Utilizar recursos verbais e não verbais.

A BNCC propõe, desde os Anos Iniciais, o trabalho com gêneros orais como entrevistas, debates, seminários e apresentações. Esses gêneros devem ser abordados com base em sequências didáticas que contemplam planejamento, ensaio, execução e avaliação da performance oral.

Exemplos de atividades:

- Dramatizações de histórias lidas.
- Apresentações orais com apoio de slides ou cartazes.
- Podcasts produzidos pelos alunos sobre temas de interesse.
- Jogos de escuta ativa e recontos orais.

Produção textual: prática social e ensino

A produção textual no contexto escolar deve ser concebida como um processo e não como um produto isolado. Envolve planejamento, escrita, revisão e reescrita, etapas que devem ser acompanhadas pelo professor com intervenções adequadas. A escrita é vista como uma forma de agir na sociedade, sendo orientada por práticas sociais e gêneros discursivos.

A abordagem por gêneros textuais, conforme os estudos de Bakhtin e os referenciais da didática dos gêneros de Dolz e Schneuwly, propõe que a produção escrita seja situada, com finalidade comunicativa e destinatário definidos.

Fases do processo de produção:

1. Planejamento: levantamento de ideias, definição do gênero, objetivos e público-alvo.
2. Escrita: elaboração da primeira versão do texto.
3. Revisão: leitura crítica individual e coletiva, com foco em aspectos discursivos, linguísticos e normativos.
4. Reescrita: elaboração da versão final com base nas correções sugeridas.

A avaliação da produção textual deve considerar critérios como adequação ao gênero, coesão e coerência, ortografia, pontuação, além da progressão e ampliação da capacidade expressiva do aluno.

Ensino da Gramática em Contexto

A gramática tradicional, de base normativa, caracteriza-se por apresentar a língua como um sistema fixo de regras que devem ser obedecidas para garantir o "bom uso" da linguagem. Essa abordagem, embora ainda amplamente difundida em materiais didáticos e práticas escolares, tem sido criticada por seu caráter prescritivo e descontextualizado, distante do uso real da língua em situações comunicativas autênticas.

Do ponto de vista educacional, a aplicação exclusiva da gramática normativa pode levar ao ensino mecânico, voltado à memorização de regras e exceções, em detrimento da reflexão

crítica sobre o funcionamento da língua. Como resultado, muitos alunos decoram classificações morfossintáticas sem compreender como elas se aplicam nos textos que leem ou produzem.

A crítica central à gramática tradicional, portanto, está em seu afastamento das práticas sociais de linguagem, não promovendo o letramento nem a competência comunicativa dos estudantes.

Gramática no texto: uso e reflexão

Ensinar gramática em contexto significa trabalhar os elementos gramaticais a partir de situações reais de uso da língua, observando como eles contribuem para a construção de sentido nos textos. Nessa perspectiva, o estudo gramatical se torna um meio de aperfeiçoar a leitura e a produção textual, e não um fim em si mesmo.

A BNCC recomenda uma abordagem que articule a análise linguística aos processos de leitura e produção textual. Isso envolve, por exemplo:

- Compreender o papel da pontuação na organização das ideias em um texto.
- Refletir sobre as formas de coesão referencial (uso de pronomes, elipses, sinônimos) na progressão textual.
- Analisar a concordância verbal em enunciados ambíguos para promover clareza.
- Identificar efeitos de sentido provocados por tempos e modos verbais em diferentes gêneros.

Essa proposta aproxima-se da chamada gramática do uso, na qual a língua é compreendida como instrumento de interação e os aspectos gramaticais são estudados em sua função comunicativa.

Abordagens contemporâneas e práticas didáticas

Uma das abordagens mais influentes no ensino contemporâneo de gramática é a proposta de análise linguística articulada aos gêneros textuais. Essa proposta, defendida por autores como Irlande Antunes e Sírio Possenti, defende que a gramática deve ser ensinada de forma indutiva, a partir de textos reais, incentivando o aluno a perceber regularidades, formular hipóteses e compreender regras pela observação do uso.

Princípios dessa abordagem:

- A língua é heterogênea e varia de acordo com contexto, finalidade e interlocutor.
- A norma padrão é uma das variedades possíveis, mas não a única legítima.
- O ensino da gramática deve respeitar a diversidade linguística e promover a valorização das diferentes variedades do português.

Exemplo prático:

Ao trabalhar o gênero “notícia”, o professor pode explorar a função da ordem direta dos termos da oração (sujeito-verbo-complemento) na clareza da informação. A partir disso, pode discutir estruturas de voz ativa e passiva, tempo verbal e uso de conectores temporais.

Outro exemplo seria o estudo da pontuação por meio da leitura de crônicas ou tirinhas, discutindo como o uso da vírgula, das reticências e dos travessões afeta o ritmo e o humor do texto.

Instrumentos didáticos recomendados:

- Sequências didáticas com foco em gêneros textuais.
- Projetos interdisciplinares com análise linguística aplicada.

- Oficinas de reescrita com foco na revisão gramatical.
- Atividades de retextualização que mobilizem estruturas gramaticais.

Gramática na legislação educacional

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o ensino de Língua Portuguesa contemple, entre outros campos de atuação, o campo artístico-literário e o campo das práticas de estudo e pesquisa, nos quais o trabalho com a gramática se integra à compreensão de textos e à produção escrita.

A BNCC apresenta a análise linguística/semiótica como uma das unidades estruturantes, com objetivos como:

- (EF06LP05): Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso da pontuação e de conectores em textos diversos.
- (EF07LP12): Analisar o efeito de sentido do uso da voz ativa e passiva em textos de diferentes gêneros.
- (EF08LP17): Compreender os efeitos de sentido produzidos por tempos e modos verbais.

Portanto, o ensino da gramática em contexto contribui não apenas para o domínio da norma culta, mas para o desenvolvimento da competência linguística e discursiva, preparando o aluno para atuar com autonomia em diversas esferas sociais.

Gêneros Textuais

Tipologia textual e gêneros discursivos

O estudo dos gêneros textuais (ou gêneros discursivos, na terminologia de Bakhtin) constitui um eixo fundamental do ensino de Língua Portuguesa contemporâneo. Gêneros são formas relativamente estáveis de enunciado, organizadas em função de finalidades comunicativas, interlocutores, suportes e contextos de circulação.

É importante distinguir tipo textual de gênero textual:

- Tipos textuais referem-se à estrutura global do texto, com base na organização interna: narrativo, descriptivo, expositivo, intitutivo e argumentativo.

- Gêneros textuais são manifestações concretas da linguagem em uso: carta, notícia, resenha, e-mail, receita, propaganda, entre outros. Cada gênero pode conter diferentes tipos textuais em sua composição.

Exemplo: uma reportagem pode conter trechos narrativos, descriptivos e argumentativos, mas pertence ao gênero “reportagem”.

Gêneros textuais na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) organiza o ensino de Língua Portuguesa com base em quatro práticas de linguagem: leitura, escuta, produção, análise linguística e oralidade. A abordagem por gêneros permeia todas essas práticas.

A BNCC estabelece competências específicas por etapa da Educação Básica, associadas a diferentes campos de atuação:

- Campo da vida cotidiana (bilhetes, listas, receitas).
- Campo das práticas de estudo e pesquisa (resumos, esquemas, verbetes).
- Campo artístico-literário (contos, poemas, crônicas).
- Campo da vida pública (notícias, cartas de opinião, artigos).
- Campo das práticas profissionais (relatórios, ofícios, memorandos).

Essa organização permite que o professor selecione os gêneros com base na progressão das competências linguísticas, nas necessidades comunicativas dos alunos e nos conteúdos transversais.

Ensino por gêneros: fundamentos e implicações

A abordagem por gêneros textuais propõe que o ensino de leitura e produção seja situado, contextualizado e significativo. Os gêneros são escolhidos em função de seu papel social e do repertório linguístico dos alunos, permitindo desenvolver habilidades comunicativas reais.

Segundo Dolz e Schneuwly, a aprendizagem de gêneros ocorre por meio de sequências didáticas, estruturadas em etapas que possibilitam o domínio progressivo das características compostionais e estilísticas de cada gênero.

Fases de uma sequência didática:

1. Apresentação da situação comunicativa: discussão sobre o uso do gênero, quem o produz, para quem e com que finalidade.
2. Leitura e análise de modelos: identificação das marcas linguísticas e estrutura composicional.
3. Planejamento da produção: definição de tema, público-alvo, estrutura, linguagem.
4. Produção textual inicial: escrita individual ou coletiva do texto.
5. Revisão orientada: análise com base em critérios discursivos e linguísticos.
6. Reescrita: reelaboração da produção textual.
7. Avaliação e socialização: leitura crítica, publicação ou apresentação dos textos.

Vantagens do ensino por gêneros:

- Desenvolve a consciência discursiva dos alunos.
- Estimula o uso funcional da linguagem.
- Promove a integração entre leitura, escrita, oralidade e gramática.
- Favorece a interdisciplinaridade.

Práticas pedagógicas com gêneros

Para implementar o ensino por gêneros, é necessário planejamento criterioso, articulação com temas transversais e seleção de materiais autênticos. Algumas propostas práticas incluem:

- Jornal escolar: produção de reportagens, entrevistas, crônicas e cartas de opinião.
- Projeto de literatura: leitura e reescrita de contos e poemas com foco nas estratégias narrativas.
- Blog ou podcast: criação de resenhas, tutoriais e episódios com base em roteiros orais.
- Campanha educativa: produção de cartazes, panfletos e textos publicitários com propósito social.

Além disso, o trabalho com gêneros exige atenção à variação linguística, ao nível de formalidade, à adequação ao público e ao suporte, e ao uso de recursos multimodais (imagens, áudio, vídeo), que caracterizam os gêneros digitais.

MATEMÁTICA: RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS; RACIOCÍNIO LÓGICO; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS; MEDIDAS, GEOMETRIA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Resolução de Problemas

A resolução de problemas é um dos eixos fundamentais do ensino de Matemática na Educação Básica. Ela não se restringe a uma técnica ou exercício, mas constitui uma abordagem pedagógica que visa desenvolver o pensamento crítico, a criatividade, a capacidade de argumentação e a autonomia do aluno diante de situações desafiadoras.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que a resolução de problemas deve estar presente em todas as unidades temáticas da Matemática, de forma transversal, favorecendo a mobilização de conhecimentos em contextos variados e significativos. O documento reforça a ideia de que “resolver problemas envolve compreender enunciados, planejar ações, desenvolver estratégias e avaliar resultados”.

Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já indicavam a importância de ensinar Matemática por meio da resolução de problemas, o que marca uma mudança de paradigma em relação ao ensino tradicional, centrado na memorização de algoritmos e fórmulas.

Etapas do processo de resolução

Para que a resolução de problemas seja efetiva como metodologia de ensino, é essencial que o professor compreenda e oriente os alunos em relação às etapas envolvidas nesse processo:

Compreensão do problema:

1. Leitura atenta do enunciado.
2. Identificação dos dados, das incógnitas e da pergunta.
3. Parafraseamento e representação (desenhos, esquemas, tabelas).

Elaboração de estratégias:

1. Escolha de caminhos possíveis: tentativa e erro, algoritmos conhecidos, estimativas.
2. Planejamento das etapas intermediárias.
3. Consideração de múltiplas soluções quando viável.

Execução:

1. Realização dos cálculos.
2. Registro das operações e raciocínios.

Verificação e validação da resposta:

1. Releitura do problema para conferir se a resposta responde à pergunta.
2. Verificação dos cálculos.
3. Análise da plausibilidade do resultado.

Essa estrutura pode ser adaptada conforme a complexidade do problema e a faixa etária dos alunos, sendo um instrumento importante para o desenvolvimento da metacognição (reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem).

Tipologias de problemas

É possível classificar os problemas didáticos de acordo com diferentes critérios. Algumas tipologias úteis no contexto escolar incluem:

- Problemas fechados: possuem uma única solução possível e exigem aplicação direta de um algoritmo (ex: “Quanto é 145 + 279?”).

- Problemas abertos: admitem múltiplas estratégias ou respostas, promovendo o debate e a criatividade (ex: “De quantas maneiras diferentes é possível gastar R\$10,00 comprando frutas?”).

- Problemas de múltiplas etapas: exigem a articulação de diversas operações ou conceitos matemáticos (ex: problemas que envolvem porcentagem e regra de três).

- Problemas desafiadores ou não convencionais: envolvem situações inusitadas que exigem raciocínio lógico, estimativas ou generalizações.

A utilização variada dessas tipologias enriquece a prática pedagógica e permite atender aos diferentes estilos de aprendizagem.

Considerações didáticas

Ensinar Matemática por meio da resolução de problemas exige que o professor assuma o papel de mediador, encorajando a autonomia e o raciocínio dos estudantes. Algumas práticas recomendadas incluem:

- Trabalhar com problemas contextualizados, relacionados ao cotidiano ou a outras áreas do conhecimento.

- Valorizar o processo mais que o resultado final, promovendo a discussão sobre estratégias utilizadas.

- Estimular o trabalho em grupo, com momentos de socialização e argumentação matemática.

- Registrar diferentes formas de resolução, com destaque para a pluralidade de caminhos possíveis.

- Utilizar erros como oportunidades de aprendizagem, promovendo a análise crítica de soluções incorretas.

Ao organizar seu planejamento, o professor pode usar sequências didáticas que contemplam problemas de complexidade crescente, retomando conceitos previamente estudados e preparando os alunos para novas aprendizagens.

Raciocínio Lógico

Fundamentos do pensamento lógico

O raciocínio lógico é uma habilidade essencial tanto na Matemática quanto na vida cotidiana, pois permite organizar o pensamento, estabelecer relações, tomar decisões e resolver problemas com base em argumentos válidos. Ele envolve a capacidade de seguir regras formais, reconhecer padrões e aplicar princípios dedutivos e indutivos.

No contexto da Educação Básica e dos concursos públicos, o raciocínio lógico é trabalhado principalmente a partir da lógica proposicional, relações entre elementos, sequências e estratégias de resolução de problemas.

Conectivos lógicos

As proposições simples ou compostas são ligadas por conectivos lógicos, que determinam o valor de verdade do enunciado. Os principais são:

- E (conjunção): a proposição composta é verdadeira apenas se ambas as partes forem verdadeiras.

Ex: “Estudo Matemática e Português.” (V apenas se ambas forem V)

- OU (disjunção inclusiva): verdadeira se pelo menos uma das partes for verdadeira.

Ex: “Estudo Matemática ou História.” (F se ambas forem F)

- OU...OU (disjunção exclusiva): verdadeira se apenas uma das partes for verdadeira.

- SE...ENTÃO (condicional): falsa apenas se o antecedente for verdadeiro e o consequente for falso.

- SE E SOMENTE SE (bicondicional): verdadeira se ambas as proposições tiverem o mesmo valor de verdade.

- NÃO (negação): inverte o valor lógico de uma proposição.

Tabelas-verdade e equivalências

As tabelas-verdade são ferramentas fundamentais para a análise lógica. Elas permitem verificar todas as combinações possíveis de valores verdadeiros (V) e falsos (F) em proposições compostas.

Exemplo – tabela-verdade da condicional ($P \rightarrow Q$):

P	Q	$P \rightarrow Q$
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Além disso, o estudo das equivalências lógicas é comum em concursos e deve ser explorado na sala de aula. Exemplo clássico:

- A condicional $P \rightarrow Q$ é logicamente equivalente à disjunção $\neg P \vee Q$ (negação de P ou Q).

Estruturas e problemas clássicos

O raciocínio lógico se expressa também em situações práticas que exigem:

- Organização de informações: problemas com tabelas, esquemas e cruzamentos de dados.

- Sequências e padrões: reconhecimento e extração de regularidades numéricas, geométricas ou figuradas.

- Problemas de lógica dedutiva: charadas, enigmas, problemas com pistas e restrições.

- Diagramas lógicos (de Venn): úteis para representar relações de inclusão, interseção ou exclusão entre conjuntos.

Exemplo de problema típico:

Três professores (Ana, Bruno e Carlos) lecionam Matemática, História e Ciências, mas não necessariamente nessa ordem. Sabe-se que:

- Ana não é professora de Ciências.

- Bruno não é professor de História.

- Carlos não é professor de Matemática.

Quem leciona cada disciplina?

- Esse tipo de problema requer organização, análise das alternativas e uso da dedução por eliminação.